

1

A Experiência Histórica do Espírito de Deus no Primeiro Testamento

Introdução

Neste capítulo buscamos traçar a experiência histórica do Espírito de Deus que caracterizou Israel, pois é no Primeiro Testamento que encontramos a *raiz da riqueza pneumatológica bíblica* e as *tradições onde se radica a confissão de fé cristã no Espírito Santo*. Faremos isto através de uma *narrativa* que busca contar como esta experiência foi acontecendo. Iremos, portanto, narrar a história de um povo de fé, para, a partir daí, recolher os dados que podem nos ajudar a conhecer melhor *quem é este Espírito* e a elencar os *critérios pneumatológicos de discernimento que encontramos no Primeiro Testamento*.

Para desenvolver este tema iremos recorrer a algumas *imagens, metáforas e símbolos* usados no Primeiro Testamento. Temos claro que o recurso ao uso de símbolos e imagens é muito comum em toda Sagrada Escritura. *Que linguagem usar para expressar e comunicar o Indizível, o Inefável?* Este é o dilema do autor bíblico que se sente chamado a comunicar uma experiência de fé que não cabe em palavras. Sabemos que os autores semitas utilizaram as representações próprias de sua cultura para expressar uma mensagem religiosa, viva e existencial, que possui um significado e um valor permanentes. Compete a nós ter a capacidade de mergulhar em seu universo de fé para captar o significado profundo da experiência vivida.

Perguntamo-nos: quais são os indícios de que *realmente* no Primeiro Testamento, encontramos o *Espírito de Deus*, compreendido e expresso como *Rûah, Sophía e Shekinah*? Isto realmente acontece ou é produto de nossa imaginação? Em que podemos basear-nos para dizer que a *Rûah*, a *Sophía* e a *Shekinah* são metáforas usadas pelo autor bíblico para aquilo que nós cristãos confessamos ser o Espírito Santo? Enfim, estas imagens nos ajudam a *conhecer melhor o Espírito Santo de Deus que nos foi revelado por Jesus Cristo*? Além disto, a partir delas podemos recolher alguns *critérios pneumatológicos de discernimento*? Caso as respostas a essas questões sejam afirmativa, perguntamo-nos ainda: o que especificamente conseguimos colher do Primeiro Testamento sobre a *revelação de Deus como*

Espírito? E, quais os *critérios de discernimento* que conseguimos inferir a partir da *ação* deste Espírito em Israel? Estas são as questões que nos movem neste capítulo.

Tentando encontrar respostas para esses questionamentos buscamos ser fiéis à experiência de fé do povo de Israel, tendo o cuidado de não ler o Primeiro Testamento a partir do Dogma da Santíssima Trindade. Não “forçamos” estes textos para afirmar que já aí se percebia explicitamente a ação do Espírito Santo, como uma terceira pessoa em Deus. Sabemos que até o Cristianismo verbalizar este dogma foram necessários vários séculos de experiência de Deus *a partir da plenitude da Revelação que se deu em Jesus Cristo*. O que fizemos foi uma leitura cristã deste Testamento, o que é pertinente para nós cristãos/ãs. Não temos dúvida que a tradição judaica vê nestes relatos a ação de Iahweh, o único Deus de Israel, pois seu monoteísmo não aceita a pluralidade em Deus. Entretanto, para nós, que também confessamos o monoteísmo, experimentamos no único Deus que professamos a presença das Pessoas do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Não pretendemos neste capítulo retirar do Primeiro Testamento todos os versículos em que encontramos narrada a ação da *Rûah*, da *Sophía* e da *Shekinah*. Iremos somente *selecionar algumas perícopes* que poderão nos ajudar a alcançar nosso objetivo, pois nossa intenção não é a de elaborar uma pesquisa que abranja toda a rica e profunda experiência do Espírito de Deus no Primeiro Testamento.

Estruturamos este capítulo de forma a analisar separadamente cada uma das três maneiras, por nós escolhidas, de expressar o Espírito de Deus no Primeiro Testamento. Em primeiro lugar, trataremos do grande potencial e da abundância de sentidos que possui o vocábulo *rûah*. Em seguida, refletiremos sobre a riqueza da experiência de Israel refletida na expressão *Rûah Iahweh*. A partir daí, faremos um caminho histórico com o povo do Primeiro Testamento. Para tal, optamos metodologicamente, por fazer uma *breve contextualização* de cada etapa desta caminhada, onde vemos a *experiência da Rûah Iahweh narrada*, e num segundo momento, buscamos captar o que *sua ação provoca no mundo e no ser humano*. Repetiremos o esquema (contextualização da experiência com a *Rûah Iahweh* e o resultado da ação desta) em todas as etapas que percorrermos. A partir desta perspectiva, analisaremos a ação da *Rûah Iahweh*, inicialmente, na *experiência fundante* do povo da Bíblia que é a experiência do *Êxodo*. Em seguida, acompanharemos a formação deste povo em sua *caminhada no deserto* quando

busca concretizar sua libertação. Dura caminhada que muitas vezes é vencida pela acomodação e desânimo, levando muitos deles ao desejo de voltar atrás. Mas, o Espírito de Deus age em seus *líderes* e os orienta na caminhada. Já na *Terra Prometida*, veremos como se organizam e como vivem liderados por *Juízes e Juízas*, período que ficou na memória do povo como o tempo mais próximo do ideal. Posteriormente, enfocaremos a monarquia e a ação da *Rûah Iahweh* nos *Reis*, que apesar de serem os ungidos de Israel, não são capazes de concretizar politicamente o ideal de *liberdade e vida* para todos/as. Veremos a seguir que é neste momento histórico que surge o *profetismo*. Os profetas são homens e mulheres *inspirados pela Rûah Iahweh*, que terão a função de mediar a *palavra* de Deus junto ao povo, para que se mantenha fiel ao *projeto de libertação* suscitado por Iahweh. Destacaremos entre os principais profetas que fazem uma *profunda experiência com o Espírito de Deus* neste período, *Elias* e o *Proto-Isaías*. Após isto, nos depararemos com o Exílio, momento fundamental para a experiência do Espírito de Deus e que se tornou uma *fonte depuradora desta experiência*. Neste momento histórico são capazes de olhar para o *passado* e ver que a Salvação já se encontrava lá, momento em que elaboram as narrativas da *criação*. São também capazes de olhar para o *futuro* com fé e esperança na Salvação que também se encontra no porvir, e vislumbram aí a *Nova Criação*. Deste período, destacaremos o profeta *Ezequiel* que é capaz de perceber que a *Nova Criação é fruto da ação do Espírito de Deus*. Finalmente, nos colocaremos no *Pós-Exílio* para vermos como a *Rûah Iahweh* é compreendida e experimentada neste momento de reconstrução e recomeço destacando daí o profeta *Joel*.

Em seguida analisaremos o vocábulo *sophía* com sua abundância de significados e a evolução pelo qual passa este termo. Pois, assim como aconteceu com o símbolo da *Rûah Iahweh*, também a imagem da *Sophía* nos ajudará a compreender quem é o Espírito de Deus que foi experimentado pelo povo do Primeiro Testamento. Veremos que ela é experimentada como *sophía humana*, a saber, como uma das *qualidades* do ser humano dada por Deus. Como *sophía humana* eles a entendem como a habilidade artesanal, a sagacidade, a ciência, a arte de governar e ainda a prudência que possuem homens e mulheres. Veremos a seguir que a *Sophía* foi experimentada também como sendo *divina*. O autor bíblico nos dirá que esta *Sophía divina* tem o poder de governar e ordenar o mundo, sendo o *sentido vital* que Deus coloca na estrutura da criação. Ela é ainda

a companheira ideal do homem e o “*rei messiânico*” a possui entre seus atributos. Além disto, ela provém de Deus, e mais ainda, ela se identifica com o Mistério do próprio Deus. Destacaremos, inclusive, que no livro da Sabedoria a *Sophía* (sabedoria) e o *Pneuma* (espírito) estão muitas vezes tão ligados que chegam a ser a mesma coisa. Alertaremos ainda sobre a *personificação da Sophía* que é feita em alguns livros do Primeiro Testamento, para que não se confunda esta personificação com a afirmação de que ela é uma verdadeira pessoa, pois esta não é a percepção dos autores bíblicos. Finalmente, destacaremos o que a *ação da Sophía* provoca no ser humano e no mundo.

A última forma de expressar o Espírito de Deus do Primeiro Testamento que enfocaremos é a *Shekinah*. Mostraremos como surge este conceito dentro do judaísmo, e como é hoje compreendido por alguns pneumatólogos/as cristãos/ãs. Analisaremos o seu significado primitivo e o processo pelo qual passa a partir do Exílio. Faremos uma breve comparação entre a *Rûah Iahweh* e a *Shekinah* que nos ajudará a refletir sobre a tese de Jürgen Moltmann de que a *Shekinah* se aproxima mais daquilo que nós cristãos confessamos ser o Espírito Santo do que a imagem da *Rûah Iahweh*. Veremos ainda como a Teologia da *Shekinah* contribui para compreendermos melhor o Espírito de Deus. Finalmente, apontaremos alguns resultados da ação da *Shekinah* no ser humano e no mundo.

A partir de tudo o que vimos e recolhemos do Primeiro Testamento, podemos afirmar que conhecemos a *pneumatologia* que aí se encontra expressa. Pneumatologia que ainda em “acenos” nos diz quem é o Espírito de Deus, e que para nós cristãos e cristãs, necessita da plenitude da revelação, que se dá em Jesus Cristo, para que possamos dizer que “conhecemos” este Espírito.

Todo o percurso feito neste capítulo tem por objetivo preparar o caminho para encontrarmos, no próximo capítulo, Jesus de Nazaré, o homem cheio do Espírito de Deus. Este homem nos mostrará como é viver a “*vida no Espírito*” além do que nos revelará quem é o Espírito Santo. Com isto poderemos apontar os *critérios de discernimento* que surgem de sua práxis e pregação.

1.1. **Rûah**

A palavra hebraica de gênero feminino *rûah* aparece 378 vezes no Primeiro Testamento. Ela é quase sempre traduzida para o termo grego *pneûma* (neutro) e para o termo latim *spiritus* (masculino). Segundo Helen Schügel-Straumann o termo *rûah* também é empregado como masculino em seis passagens do Primeiro Testamento, enquanto que para J. Scharbert há mais “exceções masculinas” do que as mencionadas por Helen e, sobretudo, casos indefinidos do uso deste termo.¹ Segundo F. Raurell, constatar que a *rûah* é apresentada no Primeiro Testamento, como sendo do gênero feminino em quase sua totalidade,

“deveria ser registrada com atenção teológica, principalmente ‘por causa das tarefas, imagens e propriedades que acompanham esse Espírito. (...) Deus como *ruah* revela-se de modo particular nos *papéis maternos da criação, manutenção e proteção da vida*. (...) O Deus *ruah* da Bíblia é um Deus que *está constantemente em relação com a vida e a faz surgir como faz uma mãe*’.”²

Há nesta afirmação algo de importante para nossa pesquisa, a saber, encontrar o termo *rûah* no Primeiro Testamento em sua grande maioria no gênero feminino, nos revela que *Deus é como uma mãe* que gera e preserva a vida. Portanto, é a partir desta informação fundamental de que a *rûah* está associada estreitamente ao *surgimento, manutenção e proteção da vida*, como o faz uma mãe, que iremos refletir sobre o significado etimológico deste termo. A palavra *rûah* não pode ser traduzida por um único termo, pois as “épocas de procedência dos escritos [em que aparece] são tão diversas, que se torna impossível encontrar um padrão simples para o uso lingüístico e formar um conceito único para as situações envolvidas.”³ Portanto, tentaremos recolher de autores consagrados o que se pode afirmar sobre este vocábulo.

Para Helen Schügel-Straumann o termo *rûah* no início foi certamente uma *palavra onomatopaica*,⁴ isto é, uma palavra formada a partir da reprodução aproximada de um *som natural a ela associado* com os recursos de que a língua

¹ Cf. SCHÜGEL-STRAUMANN, H e SCHARBERT J. apud H. HILBERATH, B. J. Pneumatologia. In: SCHNEIDER, T. (org). *Manual de Dogmática. Vol. I*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 410.

² RAURELL, F. apud H. HILBERATH, B. J. Pneumatologia. In: SCHNEIDER, T. Op. cit., p. 410. Grifo nosso.

³ HERON, A. apud MOLTSMANN, J. Op. cit., p. 49.

⁴ Cf. SCHÜNGELS-STRAUMANN, H. apud MOLTSMANN, J. Op. cit., p. 49.

dispunha.⁵ Helen afirma ainda que etimologicamente *rûah*, com toda probabilidade, tem relação com a palavra hebraica *rewah* que significa *amplidão, espaço aberto à vida das criaturas*.⁶ A partir daí podemos dizer que este termo traduzia o *vento*, isto é, *o ar em movimento, ar que cria espaço e possibilita a vida*, e com este sentido aparece em mais da metade do seu uso no Primeiro Testamento.⁷ *Rûah* significava também o *ar da respiração*, frágil e vacilante, ar necessário para a vida e que sustenta e anima o corpo e sua massa. A *rûah* é descrita ainda como o *hálito das narinas de Iahweh*, hálito de um ser muito poderoso, por isso, se afirma que a vida começa quando vem este *hálito* (Gn 2,7; cf. Jó 27,3; 33,4; 34,14ss; Sl 104,29ss; Is 42,5; Ez 37,1-14).⁸ Sendo Iahweh o dono deste *hálito*, o homem vive enquanto tem nas narinas este sopro, e logo que ele desaparece, ou é retirado por Iahweh, o homem volta ao pó (Sl 146,4; 104,29ss; Jó 34,14ss). Portanto, o ser humano não é senhor deste sopro, deste ar ou respiração embora não possa passar sem ele, e morre quando este se extingue.⁹ Segundo Luiz Carlos Susin a *rûah* sendo *atmosfera de energia* é também um sinal forte do *respiro da mulher em trabalho de parto*.¹⁰

Com as analogias do “vento” e da “respiração” aplicadas à *rûah*, o homem bíblico buscava ressaltar a dimensão do *dinamismo, do movimento* em oposição ao que é *rígido*, assim como enfatizar a dimensão de alguma *coisa viva* que se opõe ao que é *morto*.¹¹ Carlos Mesters ao destacar o *movimento* como um dos traços mais marcantes da *rûah* afirma que ela não se identifica com o vento, o ar, a brisa, a tempestade, a respiração, o fôlego, o hálito, o alento, mas que ela *é algo que está em movimento*. Afirma ainda que a *rûah* não recebe este movimento de fora, mas sim de uma energia que existe dentro dela, logo, “a *Ruah* é energia em movimento. [...] ela não apenas se move, mas põe outras coisas em movimento”¹² Outro traço importante deste termo é sua *dimensão de mistério*, entendendo aqui

⁵ Cf. DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA 2.0a. Grifo nosso.

⁶ Cf. SCHÜNGELS-STRAUMANN, H. apud MOLTSMANN, J. Op. cit., p. 51.

⁷ Cf. BEAUCHAMP, P. Verbete “Espírito Santo”. In: LACOSTE, J. Y. (dir) *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas: Edições Loyola, 2004. p 650.

⁸ Cf. IMSCHOOT, P. V. Verbete “Espírito”. In: VAN DEN BORN, A. (dir) *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1971. p. 479.

⁹ Cf. Ibid.

¹⁰ SUSIN, L. C. *A criação de Deus*. São Paulo: Paulinas; Valencia, ESP: Siquém, 2003. p. 39.

¹¹ Cf. MOLTSMANN, J. Op. cit., pp. 49-50.

¹² MESTERS, C. Descobrir e discernir o rumo do Espírito: uma reflexão a partir da Bíblia. In: TEPEDINO, Ana Maria. (Org.). *Amor e Discernimento: experiência e razão no horizonte pneumatológico das Igrejas*. São Paulo: Ed. Paulinas, 2007. p. 32

mistério como algo que é incompreensível, algo que não se consegue explicar ou desvendar, ou ainda algo que não se consegue prever ou controlar. Esta característica também é destacada no *Theologisches Handwörterbuch zum Alten Testament* quando afirma que “o significado básico de *rûah* é simultaneamente ‘vento’ [...] e ‘respiração’ [...], mas ambos não como essencialmente presentes, mas como a *força* que se encontra no golpe do sopro e do vento, cujo *de onde e aonde permanecerá enigmático*.”¹³ Este *mistério* que há no vento se evidencia quando o vemos ora como um *vento impetuoso e irresistível*, como por exemplo, o vento que dividiu o Mar dos Juncos para o Êxodo de Israel do Egito (Ex 14,21); ora quando ele se insinua num *simples murmúrio* (1Rs 19,12); ora quando *resseca com seu sopro a terra estéril* (Ex 14, 21); ora quando *espalha água fecunda sobre a terra que faz germinar* (1 Rs 18,45).¹⁴ A *rûah* quando apresentada como um *vento impetuoso aplicado a Deus* “passa a ser uma parábola para descrever os *efeitos irresistíveis da força criadora, da ira exterminadora e da graça vivificante de Deus* (cf. Ez 13,13s; 36,26s).”¹⁵

Outra propriedade essencial da *rûah* é a destacada por Bernd Jochen Hilberath quando nos diz que “em contextos teologicamente significativos *rûah* refere-se à *força vital dinâmica (criativa)*.”¹⁶ Um outro aspecto significativo da *rûah* é sua não oposição ao “corpo” ou ao “corpóreo”, pois ela não é desencarnada, mas é a *animação de um corpo*. Na verdade a *rûah* se opõe à *sarx* (carne), isto é, se opõe à realidade puramente terrestre do ser humano, caracterizada pela fraqueza, caducidade e finitude (cf. Gn 6,3).¹⁷ John McKenzie nos diz ainda que a concepção da *rûah* como alma não ocorre em parte alguma do Primeiro Testamento, ela “como princípio de vida é quase sempre considerada como elemento estranho ao homem, dada por Deus e tirada por ele; *nunca é concebida como um ser pessoal*.”¹⁸ Finalmente, seguindo a reflexão feita por Carlos Mesters

¹³ THEOLOGISCHES HANDWÖRTERBUCH ZUM ALTEN TESTAMENT II apud BLANK, J. Verbete Espírito Santo/Pneumatologia. In: EICHER, P. *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. São Paulo: Paulus, 1993. p. 243. Grifo nosso.

¹⁴ Cf. GUILLET, J. Verbete “Espírito”. In: LÉON-DUFOUR, X. (dir) *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 294

¹⁵ Cf. MOLTMANN, J. Op. cit. p. 50.

¹⁶ HILBERATH, B. J. Pneumatologia. In: SCHNEIDER, T. Op. cit., p. 409. Grifo Nosso.

¹⁷ Cf. CONGAR, Y. *Revelação e Experiência do Espírito*. São Paulo: Paulinas, 2005. p.18.

¹⁸ MCKENZIE, J. L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulus, 1983. pp. 303-304. Grifo nosso.

sobre o significado da *rûah* podemos afirmar como ele o faz “O que mais caracteriza a *Ruah* é a sua *liberdade*.”¹⁹

Por causa de todas estas características, podemos encontrar a *rûah* no Primeiro Testamento simplesmente como *vento impetuoso* (Ex 14,21); ou como o *sopro de Deus que comunica a vida* (Ex 15, 8-10; Sl 33,6), e conseqüentemente como a *respiração do homem, o princípio e sinal de vida* (Gn 7,22; Sl 104,49-30; freqüentemente em Jó); e também como a *animação que faz realizar uma obra, sobretudo, se é uma obra de Deus* (Ex 31,3ss).²⁰

Tendo em mente as principais propriedades da *rûah* que acabamos de salientar (movimento, vida, mistério, imprevisibilidade, incontrollabilidade, força vital criativa, espaço aberto, oposição à fraqueza e finitude humanas, impessoalidade e liberdade) podemos afirmar que é sua utilização num determinado *contexto*, relacionado a um *assunto* e uma *intenção* que irá determinar seu valor. Segundo Yves Congar, que na teologia atual é um dos teólogos que mais aprofundou a reflexão pneumatológica, as 378 utilizações de *rûah* podem ser distribuídas em três grupos principais a partir do *significado comum* que as reúne: a) vento, sopro do ar; b) força viva no homem, princípio de vida (respiração), sede do conhecimento e dos sentimentos; c) força de vida de Deus, pela qual ele age e faz agir, tanto no plano físico como no plano espiritual.²¹ Este teólogo afirma ainda que a *rûah* sendo um princípio causador de alguns *efeitos*, receberá destes suas várias *qualificações*. Desta forma, a *rûah* pode ser um sopro-espírito de *entendimento* (Ex 28,3), um sopro-espírito de *sabedoria* (Dt 31,3; 34,9; 35,31), ou um espírito de *ciúme* (Nm 5,15); ou ainda um *espírito mau*²² *vindo do Senhor* (1

¹⁹ MESTERS, C. Descobrir e discernir o rumo do Espírito: uma reflexão a partir da Bíblia. In: TEPEDINO, A M. *Amor e Discernimento...* Op. cit., p. 33

²⁰ Cf. CONGAR, Y. *Revelação e Experiência do Espírito...* Op. cit., pp. 18-19.

²¹ Cf. Ibid., p.17.

²² Para entender melhor a afirmação de que a *rûah* pode ser um *espírito mau vindo do Senhor* recorremos ao que nos esclarecem dois teólogos: Vejamos primeiramente o que nos diz Jürgen Moltmann: “De acordo com a generalizada visão espiritualista do mundo nas épocas e culturas em que surgiram os escritos do Antigo Testamento, por toda parte existiam *boas e más ruahs* (...) O que encontramos de especial na visão israelita antiga consiste, manifestamente, em o mundo ser dominado não pelos numerosos deuses e demônios, mas sim pelo *Deus Único que era entendido como o Senhor destas forças boas e más*.” MOLTSMANN, J. Op.cit., p. 50. Grifo nosso. Vejamos ainda o nos diz Bernd Jochen Hilberath: “Para o ser humano do AT *tudo provém de Deus*, e o quanto isto é verdade é documentado pela observação de que se atribui certa autonomia às forças demoníacas e negativas, que *também são designadas como ruah*, e de que a proveniência delas freqüentemente permanece obscura; entretanto, *elas são subordinadas a Javé de tal modo que às vezes ele próprio aparece como seu causador* (cf. 1Sm 16, 14-23; 18,10; 19,9).” HILBERATH, B. J. Pneumatologia. In: SCHNEIDER, T. Op. cit., p. 410. Grifo nosso. Portanto, ao afirmar que a

Sm 16, 14; 18,10). Além destas designações a *rûah* pode ser também um espírito ou sopro *de Deus*, isto é, ser a *Rûah Iahweh*.²³ Resumindo, *rûah* pode ser qualificada como *rûah* de entendimento, de sabedoria, de ciúme, *rûah* má vinda do Senhor, e finalmente *Rûah Iahweh*.

1.1.1. A *Rûah Iahweh*

Quando é que a *rûah* recebe esta denominação? Quando é que este sopro-espírito é entendido como sendo de Iahweh? Quando expressa o *sujeito* (Iahweh) pelo poder do qual são produzidos vários efeitos no mundo e no ser humano. Quando é o próprio Iahweh que produz naqueles homens ou mulheres os *dons* de líder, de profeta etc.²⁴ Assim sendo, a *Rûah Iahweh* é na verdade “uma *força divina* que transforma personalidades humanas para *torná-las capazes de gestos excepcionais*. Tais gestos são sempre destinados a *confirmar o povo na vocação*, a fazer dele o *servo* e o *parceiro do Deus santo*.”²⁵ Com este sentido aparece trinta e uma vezes na Primeira Escritura.²⁶ Às vezes a *Rûah Iahweh* designa o próprio Deus e recebe então, em raríssimas passagens, a expressão “*Espírito Santo*” (Is 40,13; 63,10; Sl 51,13, Sb 9,17). O uso desta expressão “foi provavelmente substituindo termos mais antigos como ‘o espírito de Javé’, ‘o espírito de Eloim’, porquanto os judeus posteriores evitavam cada vez mais pronunciar os nomes de Javé e Eloim”²⁷ Este sopro-espírito é *santo* porque é *de Deus*, porque pertence à esfera da existência de Deus.²⁸

Para entendermos melhor a riqueza de sentido que há na expressão *Rûah Iahweh*, qualificativo da *rûah* que mais nos interessa, seguiremos a reflexão de Jürgen Moltmann, um dos maiores pneumatólogos da atualidade. De forma sintética, podemos afirmar que ele nos diz que a *Rûah Iahweh* é: a) *presença divina* que penetra no mais íntimo da existência humana (Sl 139, 7.23ss), sendo o acontecer da presença pessoal de Deus; b) *força criadora de Deus* que é comunicada às criaturas, de tal forma que quando estamos falando da *Rûah* estamos falando

rûah é um *espírito mau vindo de Deus* o autor bíblico pretende enfatizar a fé no Deus único, além de reafirmar que tudo o que existe está subordinado a Deus.

²³ Cf. CONGAR, Y. *Revelação e Experiência do Espírito...* Op. cit., p. 19.

²⁴ Cf. Ibid.

²⁵ GUILLET, J. Verbete “Espírito de Deus”. In: LÉON-DUFOUR, X. Op. cit., p. 296.

²⁶ Cf. BEAUCHAMP, P. Verbete “Espírito Santo”. In: LACOSTE. Op. cit., p. 650.

²⁷ IMSCHOOT, P. V. Verbete “Espírito”. In: VAN DEN BORN, A. Op. cit., p. 482.

²⁸ Cf. CONGAR, Y. *Revelação e Experiência do Espírito...* Op. cit., p.19.

também da força vital delas, a força de vida imanente em tudo que é vivo; c) *espaço de liberdade* onde o ser vivo pode desenvolver-se, pois a *Rûah Iahweh* cria espaço, põe em movimento, leva da estreiteza para a amplidão, e assim torna vivo todas as coisas (Sl 31,9; Jó 36,16).²⁹ Mas, que fique bem claro, no Primeiro Testamento, este Espírito ainda não está revelado como uma pessoa.

Por tudo o que acabamos de expor sobre a *rûah* e sobre a *Rûah Iahweh*, podemos afirmar que ao tratarmos do tema “A experiência do Espírito de Deus no Primeiro Testamento” e numa elaboração sistemático-teológica é plausível orientar-nos pelo fio condutor “*Espírito, vida e liberdade*”.

1.1.2.

A Experiência Histórica da *Rûah Iahweh* no Primeiro Testamento

É o *Espírito-Sopro de Deus*, que antes de tudo é *aquele que faz agir de modo a realizar o Desígnio de Deus na história*, o que nos interesse nesta pesquisa. Por isso, não nos ateremos à *rûah* quando apresentada em outra perspectiva que não esta.

A seguir, destacaremos, sempre através de uma narrativa histórica, somente algumas das principais passagens da Primeira Escritura onde, segundo os autores/as pesquisados, vemos esta ação da *Rûah Yahweh* no mundo e nos seres humanos. Estas passagens poderão nos ajudar a apreender melhor quem é este Espírito e como age na criação e na história, com a finalidade de percebermos o que significa *viver sob sua inspiração*.

1.1.2.1.

O Êxodo

É com a experiência do Êxodo que começa toda a história do Povo de Deus. Por isso, começamos nossa narrativa a partir desta *experiência fundante*. Ademais, quem desconhece a mensagem do Êxodo jamais entenderá o sentido de toda a Bíblia, pois a *idéia que se tem de Deus*, tanto no Primeiro Testamento como no Segundo, está fundamentada neste livro. Sem ele, a Bíblia perderia seu ponto de

²⁹ Cf. MOLTMANN, J. Op. cit., p. 51.

partida para nos levar até *Jesus Cristo* e seu Reino de amor-serviço e justiça.³⁰ Reino que é o resultado da ação do *Espírito de Deus* em cada ser humano.

A palavra *êxodo* significa saída. No livro do Êxodo este nome está intimamente ligado à *libertação da opressão do Egito mediante a ação do único Deus*, que ouve o clamor do povo oprimido e o liberta. É a partir da experiência que se faz ao sair da opressão para se viver num *espaço amplo de liberdade*, que nasce um povo, o povo de *Iahweh*.

A formação deste povo começa a partir da experiência vivida no êxodo do Egito, que se dá por volta de 1290-1260 a.C.³¹ Nesta época o Faraó Ramsés II resolve construir uma cidade e armazéns na região de Gessen. Este Faraó era intransigente e passou a exigir trabalhos cada vez mais forçados de seus escravos/as.³² Esta situação de extrema *opressão e dominação* colabora para que estes/as *tomem consciência* de sua condição e contribui para despertar neles/as o desejo de *liberdade* que se expressa em oração (Ex 1,1-2,25). Deus responde à prece destes homens e mulheres chamando Moisés para liderá-los na concretização desta *libertação*. (Ex 3,1-12).³³ É por isso que se afirma que a “*experiência fundante de Israel é o ato da libertação.*” Este ato “*não só funda um povo, mas também uma fé no Deus que liberta o oprimido, dando-lhe a chance de abrir caminhos novos dentro da história.*”³⁴

É paradigmático para entendermos o significado do Êxodo o seguinte texto bíblico:

“Iahweh disse: ‘Eu vi a *miséria* do meu povo que está no Egito. Ouvei seu grito por causa dos seus *opressores*; pois eu conheço as suas *angústias*. Por isso descí a fim de *libertá-lo* da mão dos egípcios, e *para fazê-lo subir desta terra para uma terra boa e vasta, terra que mana leite e mel*, o lugar dos cananeus, dos heteus, dos amorreus, dos ferezeus, dos heveus e dos jebuseus. Agora, o grito dos israelitas chegou até mim, e também *vejo a opressão com que os egípcios os estão oprimindo*. Vai, pois, e eu te enviarei a Faraó, para fazer sair do Egito o meu povo, os israelitas.’” (Ex 3, 7-10)

³⁰ Cf. STORNILO, I. e BALANCIN, E. M. *Conheça a Bíblia*. São Paulo: Paulus, 1986. pp. 37-38.

³¹ Cf. McKENZIE, J. L. Op. cit., p. 519.

³² Cf. BALANCIN, E. M. *História do Povo de Deus*. São Paulo: Paulus, 2005. p. 15

³³ Cf. MESTERS, C. *Deus onde estás?* Uma introdução prática à Bíblia. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 45.

³⁴ STORNILO, I. e BALANCIN, E. M. *Como ler o livro do Êxodo: o caminho para a liberdade*. São Paulo: Paulus, 1991.p. 14

Segundo esta perícopé, Deus *vê* a miséria de seu povo, *ouve* seu grito por causa dos opressores e *conhece* as angústias pelas quais passa. Por causa disto, Deus intervém e *desce* para libertar esse povo e *fazê-lo subir* para uma terra onde há *liberdade e vida*. Este *acontecimento fundante*, onde Deus intervém na história, como o Deus que cria *vida e liberdade*, não se trata de uma simples mudança de lugar geográfico (de uma terra para outra, isto é, sair do Egito para chegar a Canaã). Êxodo é na realidade a *conquista do próprio espaço* para, “na liberdade, construir uma sociedade nova e sempre aberta à criação de espaços cada vez mais significativos para o povo *expandir a sua experiência de vida*.”³⁵ Portanto, a saída da terra da opressão tem um objetivo que é o de conquistar uma terra onde o povo possa viver a *liberdade* e encontrar a *vida*. Este binômio “*liberdade e vida*” é uma das características da *Rûah Iahweh* destacada por Jürgen Moltmann quando baseando-se na afirmação de Helen Schüngels-Straumann nos diz que esta *Rûah* é *espaço amplo* onde acontece *vida e liberdade*.³⁶

Na terra de Canaã há fertilidade e espaço, *realidade nova e cheia de vida*, pois lá *corre leite e mel* (Ex 3, 8). Nesta nova terra deverá haver um horizonte de possibilidades que inclui também novas relações, a saber, um *novo sistema político, econômico, social e religioso*.³⁷ Este novo sistema implica: a) nas *relações políticas*, a participação livre das pessoas nas decisões sobre o futuro do grupo; b) nas *relações sociais*, a organização de relacionamentos livres e a formação de uma cultura e costumes próprios; c) nas *relações econômicas*, a distribuição dos bens entre todos; d) nas *relações religiosas*, a garantia de poder exprimir e viver os valores da fé no Deus libertador.³⁸ Por conseguinte, podemos afirmar que o Êxodo é o *caminho de saída* de uma sociedade opressora e injusta, através da *inspiração do Deus libertador*, para a construção de uma nova sociedade mais fraterna, baseada na *participação* de todos/as no destino da comunidade e na *partilha* dos bens entre todos/as. Por conseguinte, é com esta *mística* que sai do Egito um grupo de escravos e escravas liderado por Moisés.

³⁵ STORNILO, I. e BALANCIN, E. M. *Como ler o livro do Êxodo*. Op. cit., p. 15. Grifo nosso.

³⁶ Cf. SCHÜNGELS-STRAUMANN, H. apud MOLTSMANN, J. Op. cit., p. 51.

³⁷ Cf. STORNILO, I. e BALANCIN, E. M. *Como ler o livro do Êxodo...* Op. cit., p. 33

³⁸ Cf. *Ibid.*, p. 13-14.

O que a ação da *Rûah Iahweh* provoca no Povo que busca Libertação e Vida

A partir do que acabamos de expor poderíamos afirmar que foi a *Rûah Iahweh* quem inspirou estes homens e mulheres a buscarem a *vida* e construírem sua própria *liberdade*. Foi o Espírito de Deus que é *espaço de amplitude*, Espírito que gera *vida e liberdade*, quem os conscientizou a tornar concreto e visível, no mundo e na história este *espaço vital*. Queremos deixar claro que o texto bíblico não usa o termo *Rûah Iahweh* para se referir ao Deus único e libertador de Israel, somos nós que estamos fazendo esta apropriação baseando-nos na reflexão de Juergen Moltmann e de Helen Schüngels-Straumann ³⁹ e, principalmente, no Trito-Isaías que afirma que “a primeira libertação, sob Moisés, havia sido feita *sob a ação do Espírito*.” (63,7-14) ⁴⁰

Um alerta se faz necessário: a experiência do Êxodo não é algo que aconteceu num passado distante e que só tem sentido para as pessoas que o viveram naquele momento e local específicos. Esta *experiência* é fundamental para todo homem e mulher, de qualquer espaço geográfico ou tempo histórico, pois é através deste *longo processo de libertação e vida*, que podemos nos encontrar aptos/as para concretizar relações verdadeiramente humanas, onde não há oprimido/a nem opressor/a. E, isto só é possível pela ação da *Rûah Iahweh*, pois ela provoca no ser humano *o desejo de ser livre e de viver em liberdade*, e de *construir uma sociedade fraterna, igualitária e justa para todo/as*.

Gostaríamos de destacar neste momento o comentário que faz Carlos Mesters ao elaborar uma reflexão sobre o Êxodo e seu relato bíblico. Ele nos diz que há aí uma *mensagem de fé fundamental*: “Deus estava *presente e atuante* naquela tentativa humana de libertação, a Bíblia considera tal esforço de libertação como *manifestação da presença de Deus* entre os homens e como início da estrada que conduz a Cristo e à ressurreição.” ⁴¹ Estas palavras confirmam a importância do Êxodo na vida de todo cristão/ã.

³⁹Cf. SCHÜNGELS-STRAUMANN, H. apud MOLTSMANN, J. Op. cit., pp. 51-52.

⁴⁰ CONGAR, Y. *Revelação e Experiência do Espírito...* Op. cit., p.24.

⁴¹ MESTERS, C. *Deus onde estás?...* Op. cit., p. 43. Grifo nosso.

1.1.2.2. A Travessia do Deserto

Durante o longo tempo em que o grupo do Egito liderado por Moisés (Ex 3,15ss), faz a travessia do deserto, juntam-se a este grupo ainda outros grupos que também sofriam opressão e desejavam viver sua libertação.⁴²

Sabemos que a maior dificuldade do oprimido/a é começar a vida em liberdade, pois vai se deparar com muitas dificuldades, a ponto de achar melhor voltar atrás e se acomodar na escravidão, pois esta não implica perigos e riscos, basta que se obedeça a seu opressor/a. Em contrapartida, a liberdade acarreta *desacomodação*, *responsabilidade* e *riscos*. O processo de libertação pelo qual passa o povo de Deus no deserto implica *perigo* representado pelo opressor que o persegue no momento em que está se libertando (Ex 14, 11-12); *falta de comida e bebida* (itens básicos para a sobrevivência) que o faz voltar-se contra seus líderes (Ex 16,3; 17,3); e *desejo de acumulação* que equivale a repetir o que acontecia no sistema opressor do qual estão se libertando (Ex 16). Portanto, ao sair da terra da escravidão, o povo entrou no deserto, lugar da dificuldade e da tentação de voltar atrás.⁴³ Como podemos ver foi dura e difícil esta travessia, que não significa simplesmente passar pelo deserto físico do Sinai, mas significa isto sim fazer a *passagem da escravidão para a libertação*. Para tal é necessário um longo tempo de aprendizagem, aqui simbolizado pelos *quarenta anos* no deserto.

O que a ação da *Rûah Iahweh* provoca no Povo e nos Líderes que atravessam o Deserto

Inspirados pela *Rûah Iahweh*, que provoca no ser humano o desejo de *vida e liberdade*, os quatro grupos que fizeram a experiência do êxodo se *unem*. E, para manter o *ideal da libertação e da vida* surge o conceito de *Aliança* com o Deus libertador (Dt 19ss), que está sempre suscitando a prática da libertação.⁴⁴ Desse modo, Iahweh aparece como *protetor permanente dos oprimidos/as e exige que*

⁴² Para conhecer estes grupos e qual a mística que cada um deles traz na formação do povo de Deus consultar MAZZAROLO, I. *A Bíblia em suas mãos*. Porto Alegre: Mazzarolo editor, 2002. p. 27.

⁴³ Cf. STORNILO, I. e BALANCIN, E. M. *Como ler o livro do Êxodo...* Op. cit., pp. 48-52.

⁴⁴ Para uma melhor compreensão do conceito *Aliança* no Primeiro Testamento consultar McKENZIE, J. L. Op. cit., pp. 25-27.

ninguém seja opressor/a.⁴⁵ Esta “aliança é resumida na seguinte fórmula: ‘Eu serei o vosso Deus e vós sereis o meu povo’ (Jr 7,23; 11,4; 24,7; Ez 11,20; 14,11; Os 2,25).”⁴⁶ Além disto, surge também a idéia de *Eleição*, isto é, a idéia de que Israel está destinado a *ser o povo de Iahweh por escolha do próprio Iahweh*.⁴⁷ A *Eleição* não se deve aos méritos de Israel (Dt 4,9ss) nem a seu número (Dt 7,7), portanto, Iahweh não o escolhe por ser melhor ou maior que os outros povos, mas este povo é eleito para tornar-se um *povo consagrado a Iahweh* (Dt 14,2), com a obrigação de só reconhecê-lo como Deus (Dt 4,39) e observar os seus mandamentos (Dt 4,40; 7,9ss; 10,16ss).⁴⁸ Portanto, “o povo vai pouco a pouco descobrindo o Deus que *o acompanha na história*. Ele é o Deus que não fica restrito num santuário ou numa montanha, mas *desce para ficar junto com o povo*, solidarizando-se com ele na situação de opressão (cf. Ex 3,8).”⁴⁹

Como podemos ver, a *Rûah Iahweh* acompanha o povo em sua caminhada provocando entre as pessoas a necessidade de estabelecer uma relação de *Aliança* com ela. Além disto, dá *leis* (Ex 20, 1-17; Dt 5, 1-21) a este povo para que possa transformar as relações entre seus integrantes, fundando assim uma comunidade onde deve ser assegurada a *vida*, a *liberdade* e a *dignidade* de todas as pessoas.

Um texto muito importante, e destacado pela maioria dos autores/as pesquisados quando tratam deste período, é o que retrata a *Rûah Iahweh* que estava em Moisés, sendo repartida por Deus com os setenta anciãos (Nm 11,16-30). A partir daí “eles se põem a profetizar e Josué se escandaliza que tal privilégio tenha sido concedido de forma pouco seletiva.”⁵⁰

“Iahweh disse a Moisés: ‘Reúne setenta anciãos de Israel, que tu sabes serem anciãos e escribas do povo. Tu os levarás à Tenda da Reunião, onde permanecerão contigo. Eu *descerei* para falar contigo; *tomarei do Espírito que está em ti e o porei neles*. Assim levarão contigo a carga deste povo e tu não a levarás sozinho.’” (vv. 16-17).

“Moisés saiu e disse ao povo as palavras de Iahweh. Em seguida reuniu setenta anciãos dentre o povo e os colocou ao redor da Tenda. Iahweh *desceu* na Nuvem. Falou-lhe e *tomou do Espírito que repousava sobre ele e o colocou nos setenta anciãos*. Quando o Espírito repousou sobre eles, profetizaram...” (vv. 24-25)

⁴⁵ Cf. STORNILO, I. e BALANCIN, E. M. *Como ler o livro do Êxodo...* Op. cit., p. 55.

⁴⁶ McKENZIE, J. L. Op. cit., p. 25

⁴⁷ Para aprofundar o conceito de *Eleição* consultar McKENZIE, J. L. Op. cit., pp. 271-272.

⁴⁸ Cf. Ibid., p. 271.

⁴⁹ STORNILO, I. e BALANCIN, E. M. *Como ler o livro do Êxodo...* Op. cit., pp. 28-29. Grifo nosso.

⁵⁰ CONGAR, Y. *Revelação e Experiência do Espírito...* Op. cit., p.21.

“Josué, filho de Nun, que desde a sua juventude servia a Moisés, tomou a palavra e disse: ‘Moisés, proíbe-os!’ Respondeu-lhe Moisés: ‘*Estás com ciúme por minha causa? Oxalá todo o povo de Iahweh fosse profeta, dando-lhe Iahweh o seu Espírito!*’” (vv. 28-29)

Segundo esta passagem, podemos afirmar que a *Rûah Iahweh* quando repousa sobre o ser humano pode levá-lo a profetizar. Este Espírito é *dado por Deus* a quem ele deseja dar e não a quem o deseja, pois *Deus não é manipulável*.

“Quando, porém, Moisés, tendo chegado a avistar a terra prometida, for morrer, Deus lhe inspirará o ato garantindo sua sucessão.”⁵¹

“Moisés falou a Iahweh e disse: ‘Que Iahweh, *Deus dos espíritos* que anima toda carne, estabeleça sobre esta comunidade um homem que saia e entre à frente dela e que a faça sair e entrar, para que a comunidade de Iahweh não seja como um rebanho sem pastor’ Iahweh respondeu a Moisés: ‘Toma a Josué, filho de Num, *homem em quem está o espírito*. Tu lhe imporás a mão’”. (Nm 27,15-18)

Portanto, para ser o *pastor* que guiará o rebanho na entrada da Terra Prometida e na ocupação desta terra, Deus manda que Moisés imponha suas mãos sobre Josué, *garantindo que nele encontra-se a presença de seu espírito*. Sendo assim, podemos deduzir que para liderar o povo é preciso a presença deste *Espírito enviado por Iahweh*.

1.1.2.3. Os Juízes e as Juízas

Por volta de 1200 a.C., após um *longo processo* de aprendizagem no deserto do Sinai, trajetória que implica lutas pela libertação em vários lugares, este povo entra na Terra Prometida trazendo experiências importantíssimas. Entre elas a certeza de que *é possível vencer o opressor/a*, além do *nome diferente de Deus, Iahweh*,⁵² que não se confunde com o deuses das cidades-Estados de Canaã, o El.

⁵¹ CONGAR, Y. *Revelação e Experiência do Espírito...* Op. cit., p.21.

⁵² Em Ex 3,14 Deus diz: “Eu sou aquele que sou”. Logo depois, diz simplesmente: “Eu sou”. Isto pode ser entendido de várias maneiras: a) Eu existo; b) Eu serei quem estou sendo; c) Eu sou aquele que faz ser; d) Eu estou presente; etc. Esse mistério em torno do nome de Deus mostra de um lado que o homem é incapaz de penetrar o segredo de Deus, e por outro, que ninguém é capaz de manipulá-lo ou dominá-lo. Cf. STORNILOLO, I. e BALANCIN, E. M. *Como ler o livro do Êxodo...* Op. cit., p. 28.

Estas experiências vão ser fundamentais para unir cada vez mais os grupos em torno de uma causa comum: *criar uma sociedade nova dentro de Canaã*.⁵³

Para concretizar o ideal de *vida e liberdade*, é preciso agora, habitando na terra onde corre leite e mel, *construir esta sociedade lentamente*, pois, como já expusemos, a libertação não é algo que se conquiste de uma vez para sempre. Ela é na realidade um *processo contínuo* que se encontra aberto na história, onde todo o povo está constantemente à mercê de novos opressores/as.⁵⁴ Portanto, com estes valores sociais e religiosos (viver a *liberdade*, o que implica em não se deixar explorar ou oprimir por nada nem ninguém, mas igualmente, não explorar nem oprimir o irmão/ã; e expandir a experiência de *vida*), este grande grupo irá se organizar na terra de Canaã, reunindo-se em *famílias, clãs e tribos*.⁵⁵ A reunião de todas as tribos que fizeram a experiência do Êxodo e que se instalam em Canaã irá formar a *Confederação das Doze Tribos de Israel*. Para John McKenzie “a origem e a função desta Confederação são obscuras em muitos pontos.”⁵⁶ Já Euclides Martins Balancin afirma que esta Liga ou Confederação nasceu para que se *pudesse tornar viável um sistema diferente de sociedade*, pois a grande preocupação das tribos era a de não criar entre elas a mesma opressão que tinham sofrido.⁵⁷

As “doze tribos” vivem em regiões separadas por causa do terreno ou floresta, onde exercem atividades agrícolas ou pastoris. Além disto, as tribos entre si não apresentam qualquer sinal de unidade política além do constituído por um *sistema tribal comum*, pelo *culto a Iahweh* e pela “*confissão da experiência básica dos pais (e mães) de que o próprio Deus havia tirado ‘Israel’ da casa da servidão, o Egito, e o conduzido à terra prometida* (cf. o chamado credo histórico-salvífico em Dt 26)”.⁵⁸

Este período da história israelita em que o povo vive organizado desta forma vai desde o estabelecimento em Canaã até o surgimento da monarquia.⁵⁹ Este período

⁵³ Cf. BALANCIN, E. *História do Povo de Deus...* Op. cit., p. 22.

⁵⁴ Cf. STORNILO, I. e BALANCIN, E. M. *Como ler o livro do Êxodo...* Op. cit., p. 55.

⁵⁵ Sobre a temática das famílias, clãs e tribos e quais suas atribuições neste momento histórico ver BALANCIN, E. M. Op. cit. p. 23.

⁵⁶ MCKENZIE, J. L. Op. cit., p. 947.

⁵⁷ Cf. BALANCIN, E. M. Op. cit., pp. 24-25.

⁵⁸ HILBERATH, B. J. Pneumatologia. In: SCHNEIDER, T. Op. cit., p. 411. Grifo nosso.

⁵⁹ Cf. MCKENZIE, J. L. Op. cit., p. 519

ficou na memória do povo de Israel como o tempo em que se viveu mais próximo do ideal.

O que a ação da *Rûah Iahweh* provoca nos Juízes e nas Juízas

Devido à organização que acabamos de descrever e às *circunstâncias críticas* em que se encontrava o povo, surgem nas tribos uma espécie de *líderes* ou de *guerreiros carismáticos* a quem damos o nome de Juízes e Juízas.⁶⁰ Para o povo, estes distintos líderes são escolhidos por Iahweh, como havia feito outrora ao escolher Moisés. Este povo agora experimenta diretamente a atuação do *Espírito divino* que presenteia o *carisma de líderes* a estes homens e mulheres que irá conduzir.⁶¹ É no livro dos Juízes onde encontramos narrada esta época, e que nos oferece um *relato do agir histórico do espírito de Deus em seus líderes carismáticos*.⁶² Em meio à situação em que se encontravam uma ou mais tribos, uma pessoa recebe a *Rûah Iahweh* que pousa sobre ela e assim sente-se impulsionada à *missão de libertar o povo da opressão causada pelo inimigo*.⁶³ Sendo assim, as tribos são governadas por chefes que têm um cargo vitalício (*juízes menores* ou administradores permanentes da justiça), enquanto que nos momentos de grande dificuldade surgem os chefes carismáticos (*juízes maiores* ou líderes militares ocasionais), que *unem e lideram* as tribos contra os inimigos.⁶⁴ Estes são libertadores temporários, e a *Rûah Iahweh* os deixa uma vez cumprida a sua missão. Segundo Jürgen Moltmann os *dons carismáticos* dos juízes e juízas são:

“*espontâneos e por prazo limitado, de indivíduos em benefício de todo povo, e neste sentido, são também dons corporativos do povo inteiro. Pois Israel como um todo deve ser um ‘sacerdócio régio’ para os povos. Além disto, “o dom carismático produz vidência, sabedoria, profecia e liderança.”*⁶⁵

⁶⁰ Cf. CONGAR, Y. *Revelação e Experiência do Espírito...* Op. cit., p.21.

⁶¹ Cf. HILBERATH, B. J. Pneumatologia. In: SCHNEIDER, T. Op. cit., p. 411.

⁶² Cf. MOLTSMANN, J. Op. cit., p. 52.

⁶³ Cf. STORNILO, I. *Como ler o Livro dos Juízes: aprendendo a ler a história*. São Paulo: Paulus, 1992. p. 37.

⁶⁴ STORNILO, I.e BALANCIN, E. M. *Conheça a Bíblia...* Op. cit., p. 57. e STORNILO, I. *Como ler o Livro dos Juízes...* Op. cit., p. 35.

⁶⁵ MOLTSMANN, J. Op. cit., p. 52. Grifo nosso.

Mas, o que significa o dom recebido pelo Juiz/a ser um *dom corporativo*? Não podemos esquecer que a noção de um indivíduo representando um grupo e reciprocamente um grupo social representado por um indivíduo era muito comum para este povo.⁶⁶ Logo, os Juízes e Juízas eram *personagens corporativas*, isto é, eram entendidos como uma pessoa que representava Deus no meio do povo e representava o povo diante de Deus. Conseqüentemente ao receberem os carismas da *Rûah Iahweh* estariam recebendo *dons corporativos do povo da Aliança*, o que significa dizer que *todo o povo recebia estes dons através da figura do Juiz/a*.

É digno de destaque o *papel da mulher* como líder do povo, isto é, como Juíza neste período da história que, como já dissemos, ficou na memória do povo como um tempo ideal. São possivelmente personagens desta época *Judite* e *Ester*, apesar dos livros que narram suas façanhas terem sido escritos depois do Exílio da Babilônia (entre o III e o II séculos a.C.). Estas mulheres associam *astúcia, sedução e mística profética em favor do povo*. Temos ainda entre as Juízas deste período, *Débora* que estabeleceu seu tribunal à sombra de uma palmeira, que ficou conhecida como a palmeira de Débora. *A ela vinham os filhos de Israel para obter justiça* (Jz 4,5). Esta mulher é verdadeiramente *juíza e profetiza* dentro da história do povo de Deus.⁶⁷

O período dos Juízes e Juízas é um tempo de “democracia” (Jz 21,25), porém cheio de dificuldades. Durante esta época, de aproximadamente cento e cinquenta anos, podemos ver Otoniel, Gedeão, Jefté e Sansão, líderes militares ocasionais⁶⁸ recebendo a *Rûah Iahweh*, e observar o que ela provoca nestes homens:

“O espírito de Iahweh esteve sobre ele (Otoniel), e ele julgou Israel e saiu à guerra. *Iahweh entregou em suas mãos* Cusã-Rasataim, rei de Aram, e *ele triunfou sobre Cusã-Rasataim.*” (Jz 3,10).

“O espírito de Iahweh revestiu Gedeão...” (Jz 6,34)... “O povo de Israel disse a Gedeão: ‘Sê nosso soberano, tu, o teu filho e o teu neto, *porque nos salvaste das mãos de Madiã.*’ Gedeão, porém, lhes respondeu: ‘Não serei eu vosso soberano, nem tampouco meu filho, *porque é Iahweh quem será vosso soberano.*’” (Jz 8, 22-23).

“O espírito de Iahweh veio sobre Jefté... Jefté passou aos amonitas para os atacar, e *Iahweh os entregou nas suas mãos.*” (Jz 11,29. 32).

⁶⁶ Cf. TEPEDINO, A. M. A. Encontro com a Igreja de Jesus Cristo (Eclesiologia) in: *Iniciação Teológica*. Departamento de Teologia. PUC/Rio: Edição Experimental, 2005. p.40.

⁶⁷ Cf. MAZZAROLO, I. *A Bíblia em suas mãos...* Op. cit., pp. 31-32.

⁶⁸ Segundo Ivo Storniolo há uma exceção entre esses líderes ocasionais que é a situação de Jefté. Este juiz foi também administrador permanente da justiça (Jz 11,7). Cf. STORNILOLO, I. *Como ler o Livro dos Juízes...* Op. cit., p. 36. Entretanto Jz 15, 20 nos diz que “Sansão julgou Israel na época dos filisteus, durante vinte anos.”

“O espírito de Iahweh *começou a impeli-lo* (Sansão)...” (Jz 13,25). “O espírito de Iahweh *veio sobre ele*” e lhe deu tanta força que “*sem nada na mão ele espartilhava o leão*” (Jz 14, 6). “Então, o espírito de Iahweh *caiu sobre ele e se apossou dele...*” “e ele matou trinta homens.” (Jz 14, 19).

Segundo estes versículos o Juiz é entendido como um *líder carismático*, todavia, “o sujeito atuante e real nestas histórias é sempre a *ruah Iahweh*.”⁶⁹ Esta *Rûah Iahweh* é concedida como espírito sobrenatural, que *leva a fazer ou dizer coisas que estão além da capacidade humana comum*.⁷⁰ É da seguinte forma que os Juízes e Juízas *são suscitados pelo Espírito de Deus*:

“Sem esperar, e sem que nada os predisponha para isso, sem poder opor resistência, de simples filhos de camponeses, Sansão, Gedeão, Saul são brusca e totalmente transformados, não somente tornados capazes de feitos excepcionais de audácia ou de força, mas *dotados duma nova personalidade, aptos para desempenhar uma função e cumprir uma missão, a de libertar seu povo. Por suas mãos, o Espírito de Deus prolonga a epopéia do Êxodo e do deserto, assegura a unidade e a salvação de Israel, e vem assim a estar na origem do povo santo.*”⁷¹

Como podemos ver a *Rûah Iahweh* torna pessoas comuns em líderes do povo a fim de *cumprir a missão de libertá-lo* de uma nova opressão, mantendo-o *unido*, o que garante sua *salvação*.

Nestes primórdios de Israel encontramos, além das tradições das guerras de Iahweh com seus guerreiros carismáticos, o discurso acerca da *Rûah* no contexto do *profetismo extático*.⁷² Nestes casos a *Rûah Iahweh*, na maioria das vezes, vem sobre um grupo inteiro de profetas sem que, entretanto, fique restrita a este círculo. (1Sm 10,5-13; 19,20-24). O primeiro livro de Samuel (10, 5-6) narra o profetismo extático com as seguintes palavras: “Tu te defrontarás com um bando de profetas [...]. Eles estarão em *transe profético*. Então o espírito do Senhor virá sobre ti, entrarás em transe com eles e *serás transformado em outro homem*.” Esta atuação da *Rûah Iahweh* colocando pessoas em transe é uma *manifestação passageira* (cf. 1Sm 19,24), de *caráter meramente episódico*. É de fundamental importância destacar que o *êxtase profético* não representa um aspecto específico da experiência do Espírito vivida por este povo. O que é decisivo para

⁶⁹ MOLTSMANN, J. Op. cit., p. 52.

⁷⁰ Cf. McKENZIE, J. L. Op. cit., p. 520.

⁷¹ HILBERATH, B. J. Pneumatologia. In: SCHNEIDER, T. Op. cit., p. 412.

⁷² Para conhecer um pouco mais este fenômeno consultar SICRE, J. L. *Profetismo em Israel: O profeta. Os Profetas. A mensagem*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 106.

entendermos o *êxtase*, é que embora seja produzido pelo Espírito, *não está ligado às palavras e ações salvadoras de Iahweh*. Além disto, há uma acentuada *atitude negativa* em algumas narrativas bíblicas para com o êxtase profético, provavelmente porque este fenômeno era *provocado e repetido*. (cf. 1Sm 10,10-13; 19,8-24).⁷³

1.1.2.4. A Monarquia

A passagem do sistema tribal para o regime monárquico não é historicamente muito clara, além de não se ter uma idéia muito precisa do que significava a realeza nos primeiros tempos de Israel. Encontramos relatos desta passagem com várias versões, algumas delas chegando a ser *contraditórias*.⁷⁴ Assim como encontramos várias fontes sobre a *eleição* de Saul como Rei de Israel, assim também localizamos várias fontes que narram a *entrada de Davi a serviço deste rei* e ainda dois relatos sobre a *morte de Saul*.⁷⁵ Para a finalidade de nossa pesquisa basta-nos destacar somente como, neste novo sistema de governo, acontece a ação da *Rûah Iahweh* sobre o monarca de Israel.

A - Os Reis

“Em Israel, o rei *não pertence*, como nas civilizações vizinhas, *à esfera do divino*. Permanece sujeito, tanto quanto os outros homens, às exigências da Aliança e da Lei.” Entretanto, ele é considerado uma *pessoa sagrada*, pois é o *ungido de Iahweh* e esta unção deve ser respeitada (1Sm 24,11; 26,9). É a partir de Davi que em Israel Deus faz dos reis seus filhos adotivos (2Sm 7,14; Sl 2,7; 89,27s), depositários de seus poderes e virtualmente estabelecidos à frente de todos os reis da terra (Sl 89,28; cf. 2,8-12; 18,44ss). O rei em Israel deve ser fiel a Deus o que lhe garante a proteção divina. Deve ainda garantir a prosperidade do povo (cf. 20,21) e fazer reinar a justiça dentro de seu reino (Sl 45,4-8, 72,1-7.12ss; Pr 16,12; 25,4s; 29,4. 14). Além disto, eventualmente, deve exercer certas funções

⁷³ Cf. HILBERATH, B. J. Pneumatologia. In: SCHNEIDER, T. Op. cit., p. 412.

⁷⁴ Um exemplo disto encontra-se no primeiro livro de Samuel onde existe um *relato contra a monarquia* (1Sm 8; 10, 17-27) e um outro que *é a favor da monarquia* (1Sm 9,1-10,16; 11).

⁷⁵ Para conhecer estas versões consultar STORNIOLO I. e BALANCIN E. M. *Como ler os Livros de Samuel: a função da autoridade*. São Paulo: Editora Paulus, 2003.p. 32. e ainda McKENZIE, J. L. *Dicionário Bíblico...* Op. cit., p. 855.

cultuais (2Sm 6,17s; 1Rs 8,14. 62s) o que nos possibilita falar de um sacerdócio real (Sl 110,4).⁷⁶ “Ele é um chefe carismático, tal como os juízes; isto significa que ele *estava impregnado do espírito de Iahweh para desempenhar suas funções.*”⁷⁷ Este rei que deveria ser justo, pacífico e fiel é um *rei ideal* (Sl 101). Podemos ver narrados nos livros históricos e proféticos que a experiência histórica da realeza não concretizou este ideal de rei. Muito pelo contrário, os maus reis são numerosos, tanto em Israel como em Judá.⁷⁸

O que a ação da *Rûah Iahweh* provoca nos Reis

Com Saul, personagem que faz a transição entre a época dos Juízes/as e a monarquia, o *carisma espontâneo e por tempo definido* que era dado a estes/as deixou de manifestar-se. Entretanto, a presença da *Rûah Iahweh* sobre Saul ainda guarda o *caráter meramente episódico*. Podemos observar isto comparando dois textos bíblicos. Num deles, quando Saul é ungido por Samuel, se diz: “*Deus mudou o coração de Saul* (10,9)... o *espírito de Deus veio sobre ele*, e ele entrou em transe profético com eles” (1 Sm 10,10; 10,6). No outro texto que trata da entrada de Davi a serviço de Saul já se diz: “*O espírito de Iahweh tinha se retirado de Saul...*” (1Sm 16,14). Então a *Rûah Iahweh* passa para Davi e agora se diz: “*O espírito de Iahweh precipitou-se sobre Davi a partir desse dia e também depois.*” (1Sm 16,13).⁷⁹ Podemos perceber que a partir de Davi a *Rûah Iahweh* torna-se um *dom permanente para o ungido de Deus*, que necessita de *qualidades especiais* para governar. Desta forma Deus faz uma *aliança especial* com o rei, assim como o fez com seu povo, e a *Rûah Iahweh* é esperada como uma *presença divina especial* que acompanhará o rei de Israel. Novamente aplica-se aqui a compreensão de *personalidade corporativa*, a saber, o rei representa Deus no povo e o povo diante de Deus, portanto, seu carisma faz parte dos *dons corporativos* deste povo.⁸⁰ Portanto, é com Davi que a experiência da *Rûah Iahweh* atinge um *novo estágio*. Ela, agora, não intervém mais em situações de extrema aflição, como acontecia na época dos Juízes/as, mas *torna-se uma dádiva*

⁷⁶ Cf. GRELOT, P. Verbete “Rei”. In: LÉON-DUFOUR, X. Op. cit., p. 866.

⁷⁷ HILBERATH, B. J. Pneumatologia. In: SCHNEIDER, T. Op. cit., p. 782. Grifo nosso.

⁷⁸ Cf. GRELOT, P. Verbete “Rei”. In: LÉON-DUFOUR, X. Op. cit., pp. 866-867.

⁷⁹ Cf. HILBERATH, B. J. Pneumatologia. In: SCHNEIDER, T. Op. cit., p. 412.

⁸⁰ MOLTSMANN, J. Op. cit., p. 52.

permanente para o ungido de Iahweh.⁸¹ Desta forma Davi recebe o título *carismático* que o habilitará a reinar sobre a Confederação das Doze Tribos (1 Sm 16,1-13).⁸² A concessão e a ação da *Rûah Iahweh* associam-se à *pregação e instrução autoritativa* do rei e podemos observar isto nas últimas palavras de Davi (2Sm 23,1-7) que afirmam “*O espírito de Iahweh falou por meio de mim, a sua palavra está na minha língua.*” (v. 2). Entretanto, é importante enfatizar que as palavras e ações do rei *não são atribuídas a uma atuação direta da Rûah Iahweh*.⁸³ Isto fica claro com a vida conturbada do próprio rei Davi, que nos mostra este homem como: *fugitivo* (1Sm 19,11ss); *mercenário a serviço do inimigo de seu povo e bandido formador de um bando*, (1Sm, 21-31); *adúltero e assassino* (2Sm 11).⁸⁴

Salomão, filho de Davi com Betsabéia, irá reinar sobre Israel depois da morte de seu pai. Com a morte de Salomão o império se divide (931 a.C.) em dois reinos: o reino de Israel, com sede em Samaria, que caiu em poder da Assíria em 722 a.C., e o reino de Judá, com sede em Jerusalém, que caiu em poder da Babilônia em 586 a.C. A monarquia torna-se o *oposto* daquilo que se buscava com o Êxodo. O grande anseio do povo era o de *ser governado por uma autoridade capaz de discernir e realizar a justiça*. Entretanto, isto não acontece. Não há mais liberdade, vida, justiça, direito, solidariedade e partilha. Portanto, quebra-se a Aliança com *Iahweh*. Todos estes acontecimentos das vidas e das opções dos reis deste povo tornarão determinante a *história futura da fé de Israel*. Vai ficando cada vez mais claro que:

“*a coalizão de Espírito de Deus e poder político é efetivamente frágil. Encaixa-se nesse contexto o fato de que nos textos legais e jurídicos do AT a ruah Yahweh não tem qualquer importância. Na esteira da escatologização da fé de Israel a idéia da monarquia no Espírito de Javé passa para o messias como rei salvífico pelo qual se anseia* (cf. Is 11,2; 42,1; 61,1).”⁸⁵
Além disto, “*a unção ritual não basta para fazer dos reis fiéis servos de Deus, capazes de garantir para Israel a salvação, a justiça e a paz. Para cumprir essa função requer-se uma ação do Espírito mais profunda, a ação direta de Deus que marcará o messias.*”⁸⁶

⁸¹ Cf. HILBERATH, B. J. Pneumatologia. In: SCHNEIDER, T. Op. cit., p. 412.

⁸² Cf. McKENZIE, J. L. Op. cit. p. 215.

⁸³ Cf. HILBERATH, B. J. Pneumatologia. In: SCHNEIDER, T. Op. cit., p. 412.

⁸⁴ Para conhecer um pouco mais sobre a vida de Davi consultar McKENZIE, J. L. Op. cit., pp. 215-220.

⁸⁵ HILBERATH, B. J. Pneumatologia. In: SCHNEIDER, T. Op. cit., p. 412.

⁸⁶ GUILLET, J. Verbete “Espírito de Deus”. In: LÉON-DUFOUR, X. Op. cit., p. 297. Grifo nosso.

Percebe-se que a *Rûah Iahweh* não está ligada necessariamente ao poder político (reis), pois ser ungido ritualmente não basta para que um rei se torne um fiel servo de Iahweh. A frustração sofrida por causa da monarquia faz crescer a esperança num ungido (*messias*) fiel e justo. Ele receberá a ação direta e profunda da *Rûah* para realizar o projeto de Deus (Is 42, 1-9). Ele será o rei salvador deste povo! Surge ainda uma outra esperança: a *Rûah* descera sobre todo o povo de Deus (Ez 36,27; 39,29; Is 32,15; 44,3).⁸⁷

O profetismo tem um grande papel neste momento histórico.

B – Os/as profetas

Quem são estas figuras que aparecem com tanta frequência a partir da monarquia? O termo *nabî'* é o mais freqüentemente utilizado para referir-se aos profetas.⁸⁸ Segundo José Luiz Sicre ele aparece 315 no Primeiro Testamento, sobretudo, a partir do final do século VII e durante o VI a.C. Esta abundância de citações provoca muitos problemas, porque o título *nabî'* acabou sendo aplicado a diversas pessoas, inclusive com comportamentos e características opostas. Porém, todo *nabî'* comunica a palavra de outra pessoa, seja a de Baal, se for um/a profeta de Baal, seja a de Iahweh, se for um/a profeta de Iahweh.⁸⁹ Nossa pesquisa não tem por escopo entrar na análise do fenômeno profético, por isso trataremos do profetismo como um todo. Nossa reflexão que busca conhecer a experiência histórica da *Rûah Iahweh* nos profetas enfocará somente os/a profetas de Iahweh. Tentaremos fazer uma síntese das características destes/as personagens a partir de alguns autores/as para que assim possamos entender como se dá neles/as a ação da *Rûah Iahweh*.

Segundo Isidoro Mazzarolo o profeta de Iahweh é:

“um *vidente*, um *embaixador de Deus*, um *arauto da justiça* e, por conseqüência, perseguido, caluniado e difamado (cf. Mt 5, 11-12). O Profeta é a *memória da Libertação do Egito e a consciência da cidadania e direitos sociais em nome da fé*. O Profeta não tem outro parâmetro para a crítica social, política ou religiosa senão a *fé em um Deus que liberta* (Ex 20,1) e que não admite a escravidão, em

⁸⁷ MESTERS, C. *Descobrir e discernir o rumo do Espírito: uma reflexão a partir da Bíblia*. In: TEPEDINO, A. M. *Amor e Discernimento...* Op. cit., pp. 34-35.

⁸⁸ Para saber quem são os *nabîs'* ver GUILLET, J. Verbete “Espírito de Deus” in: LÉON-DUFOUR, X. Op. cit., p. 297. e SICRE, J. L. *Profetismo em Israel: O profeta. Os Profetas. A mensagem*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 81.

⁸⁹ Para aprofundar este tema consulte SICRE, J. L. Op. cit., p. 89. e MAZZAROLO, I. *O Clamor dos Profetas ao Deus da Justiça e Misericórdia*. Rio de Janeiro: Mazzarolo Editor, 2007. p. 14.

qualquer de seus desdobramentos. *O Profeta é a consciência e o discernimento da dignidade do ser humano e sua dupla relação: com Deus e o outro.*⁹⁰

Para José Luís Sicre o profeta:

“é o homem da palavra [...] No drama dos livros proféticos, o primeiro personagem é a palavra [...] [Ela] apodera-se do profeta com tal força, que a partir desse instante se deve definir toda a existência dele em termos de palavra [...], o profeta nunca pronuncia palavras próprias, mas a palavra que Deus põe na sua boca para que a transmita aos contemporâneos.”⁹¹

McKenzie nos afirma que:

“O espírito de Iahweh é muitas vezes a força que inspira a profecia (Nm 11,17ss; 24,2, 2Sm 23,2; 1 Cr 12,18; Is 61,1; Mq 3,8; Ez 2,2; 3,12.14.24; 8,3; 11,1.5.24; 37,1; 43,5; Ne9,30; Zc 7,12). O profeta é um homem do espírito (Os 9,7). Na era messiânica uma efusão geral do espírito dará a todo Israel a visão profética (Jl 3,1-2). Deve-se notar que, à exceção de Os 9,7 estas passagens são muito provavelmente pós-exílicas; e o espírito como agente inspirador não aparece na antiga literatura profética, onde a inspiração consiste em ouvir a palavra de Iahweh.”⁹²

Segundo estas afirmações podemos dizer que o profeta de Iahweh é o *homem do Espírito* que tinha a função de mediar o *dabar divino* (palavra de Deus) junto ao povo, isto é, tinha a função de comunicar ao povo esta *Palavra* que liberta e possibilita a vivência da justiça. O fundamental para nós nestas citações é a afirmação de que o *profeta é o homem do Espírito*, e também o *homem que ouve a palavra de Deus e a comunica*. Portanto, com base nestas declarações podemos ratificar a afirmação de Yves Congar, a saber, “*Espírito e Palavra* estão muito unidos especialmente nos eventos proféticos.”⁹³ Jacques Guillet faz esta mesma vinculação quando ao falar dos profetas afirma que “a palavra que anunciam provém deles, mas *não nasceu neles*, ela é a própria *palavra do Deus* que os envia. Assim se delineia a conexão que aparece já em Elias (1Rs 19,12ss) e não mais se acabará, entre *Palavra de Deus* e o seu *Espírito*.”⁹⁴

⁹⁰ MAZZAROLO, I. *O Clamor dos Profetas ao Deus da Justiça e Misericórdia...* Op. cit., p. 13. Grifo nosso.

⁹¹ Cf. SICRE, J. L. Op. cit., pp. 101-102. Grifo nosso.

⁹² MCKENZIE, J. L. Op. cit., p. 304. Grifo nosso.

⁹³ CONGAR, Y. *A Palavra e o Espírito*. São Paulo: Edições Loyola, 1989. p. 26

⁹⁴ GUILLET, J. Verbete “Espírito de Deus”. In: LÉON-DUFOUR, X. Op. cit., p. 298.

Além de apontarmos este vínculo entre *Palavra e Espírito* na atividade profética, é necessário destacarmos ainda algumas das *principais características* do profeta de Iahweh. A mais fundamental delas é a de *ser o guardião do projeto de Deus, que coincide com as aspirações do povo*,⁹⁵ sendo a missão verdadeira do profeta de Iahweh a *de revelar a bondade de Deus aos pequenos*.⁹⁶ Para isso, ele é *escolhido por Deus*. Ninguém escolhe ser profeta por si mesmo (1Sm 3). O momento deste chamado (vocação) supõe uma *experiência de Deus*, uma descoberta que marca a existência do profeta e onde ocorre *algo de novo*.⁹⁷ Outra característica do *nabi'*, que devemos destacar, é a de poder atuar às vezes de maneira *independente*, conforme o faz Elias e tantos outros, e às vezes em *grupo*, conforme a prática de Eliseu.⁹⁸ Finalmente, uma outra particularidade importante do profeta de Iahweh é a que nos traz Sicre quando nos afirma que “as *mulheres* podem fazer parte deste movimento, e até com grande prestígio, dado este muito importante se recordarmos que em Israel elas não têm acesso ao sacerdócio.”⁹⁹ Este autor cita como exemplo de profetas mulheres: *Maria*, irmã de Aarão, que une profetismo e música (Ex 15,20); *Débora* (Jz 4,4) profetisa e juíza; *Hulda* (2Rs 22,14).¹⁰⁰

Com estas informações preciosas sobre o *profeta de Iahweh* destacaremos a seguir alguns destes que são considerados os mais importantes quando se trata do tema *experiência do Espírito*. Iremos situá-los historicamente a partir da divisão feita por José Luís Sicre em seu livro “Profetismo em Israel”.¹⁰¹

a) O profeta Elias: “O início da profecia bíblica”

O profeta Elias¹⁰² desenvolveu sua atividade profética nos reinados de Acab e Ocozias no Reino do Norte (874-852). Ele é um *profeta itinerante*, sem

⁹⁵ Cf. STORNILOLO, I.; BALANCIN, E. M. *Os Livros de Samuel: a função da autoridade*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2003. p. 14.

⁹⁶ Cf. VARONE, F. *Esse Deus que dizem amar o sofrimento*. São Paulo: Editora Santuário, 2001. p. 32.

⁹⁷ Cf. SICRE, J. L. Op. cit., p. 119.

⁹⁸ Cf. Ibid., p. 89.

⁹⁹ Ibid., p. 90.

¹⁰⁰ Cf. Ibid., pp. 81-82.

¹⁰¹ Este autor divide o profetismo em Israel nas seguintes etapas: a) os inícios da profecia bíblica; b) o século áureo da profecia; c) silêncio e apogeu; d) junto aos canais da Babilônia, e) anos da restauração; f) a caminhada para o silêncio. Cf. Ibid., pp. 231-338

¹⁰² A reflexão que desenvolvemos sobre este profeta se baseia em VARONE, F. Op. cit., pp. 27-52.

vinculação a um santuário, e que aparece e desaparece de forma eventual.¹⁰³ Elias é um profeta que insiste no *caráter único da divindade Iahweh* e no *repúdio a qualquer culto a outros deuses*.¹⁰⁴ Este homem prediz ao rei Acab uma seca de três anos (1 Rs 17,1), provocando assim uma *confrontação de poder entre ele e o rei*. Esta confrontação pretendia representar um confronto entre Deus e Baal. Com isto Elias queria ser reconhecido como o *representante do “deus” mais forte que Baal*. Depois de fazer esta previsão ele se esconde (1Rs 17, 2-8). A partir daí é *conduzido por Deus* para a torrente do Carit (1Rs 17, 2-3) e depois para Sarepta, na Fenícia (1Rs 17, 8). Iahweh pretende mostrar a este profeta que não é um outro Baal mais forte do que o Baal do rei e da rainha. Na realidade Iahweh é um *Deus diferente*, e isto Elias irá aprender muito lentamente. Em Sarepta, Elias se depara com *a vida dos fracos e com seus problemas mais simples* (1Rs 17,7-16). É aí que *“a palavra de Deus estará verdadeiramente em sua boca”* (1Rs 17,24), pois entre o grande desafio da seca e o milagre do humilde jarro que jamais se esvaziará (1Rs 17,14), a *palavra de Deus* fez sua escolha pela *humildade e fraqueza*. O filho da viúva vem a adoecer e falecer e nada é mais *fraco* do que um menino morto. Elias encontra-se diante da *insignificância individual*, tão diferente da magnificência da corte, e assim, ele pode agir fazendo o menino voltar à vida (1Rs 17, 17-24). Depois de passados dois anos, tempo de uma reciclagem para este profeta, Elias apresenta-se a Acab desafiando-o a uma *prova* com os profetas de Baal, os protegidos da rainha, Jezabel. Elias ainda não percebeu quem é realmente Iahweh. Por isso, retoma a *confrontação de poder*: quem enviaria chuva depois de tão longa seca, Baal ou Iahweh? É no monte Carmelo que esta prova tem lugar. É importante notarmos que a narração bíblica não cita nenhuma palavra, nenhum mandato de Deus para provocar o rei e seus profetas numa prova de força e muito menos de matar estes profetas depois da “vitória”. Segundo a compreensão de Elias, Iahweh responde a seu apelo dando-lhe o “triunfo” sobre os profetas de Baal (1Rs 18, 18-46). Ele acredita que revelou o poder de Iahweh e que agora pode servir-se deste para reunir todo Israel numa grande estrutura de poder. *Passa então a agir como os poderosos*. Elimina primeiro a concorrência (1Rs 18,40), depois torna-se colaborador do rei: como camareiro (1Rs 18,41), mestre de cerimônia (1Rs 18,44), e arauto do rei (1Rs 18,46). Finalmente entra de forma

¹⁰³ Cf. SICRE, J. Op. cit., p. 238

¹⁰⁴ McKENZIE, J. L. Op. cit., p. 273.

triunfal na capital Jezrael. Entretanto, Elias esquece que num regime de violência, a rainha é mais forte do que ele. Por isso, é hostilizado e perseguido por Jezabel, sendo obrigado a fugir para o monte Horeb. Lá, *despojado de todas as ilusões de poder e de soberba que possuiu anteriormente, encontra-se agora preparado para a teofania do Deus diferente, pois Iahweh é o oposto do “deus” do poder* (1Rs 19, 1-21).¹⁰⁵

O que a ação da *Rûah Iahweh* provoca em Elias

Este profeta encontra-se dentro da própria caverna onde Moisés já tinha sido beneficiado com a teofania fundadora da aliança (cf. Ex 33, 21-23) quando Deus lhe diz:

“ ‘Sai e fica na montanha diante de Iahweh.’ E eis que Iahweh passou. Um *grande e impetuoso furacão* fendia as montanhas e quebrava os rochedos diante de Iahweh, mas Iahweh não estava no furacão; e depois do furacão houve um *terremoto*, mas Iahweh não estava no terremoto; e depois do terremoto um *fogo*, mas Iahweh não estava no fogo; e depois do fogo, o ruído de uma *leve brisa*. Quando Elias o ouviu, cobriu o rosto com o manto, saiu e pôs-se à entrada da gruta. Então veio uma voz que lhe disse: ‘Que fazes aqui, Elias?’ ” (1 Rs 19, 11-13)

Como podemos ver Elias encontra-se *sozinho* no Horeb, *sem nenhum desafiador*, seja o rei Acab, a rainha Jezabel ou os profetas de Baal para seduzi-lo em suas relações de poder. Está diante de Deus, como estava em Sarepta diante da mulher, no mesmo estado de *despojamento*, de *fraqueza* e de *necessidade*, portanto de *verdade*. Desta forma, este profeta encontra-se apto a *ver o próprio Deus se ‘projetar’ em sua direção*. Conseqüentemente Elias percebe que Iahweh não se encontra no terremoto, no furacão ou no fogo, pois ele está na *brisa suave*, ou seja, nos *meios secretos*. Compreende que ele não se alia aos poderosos e que *não gosta de espetáculos retumbantes, nem de sacrifícios humanos*, além disto, entende que Iahweh *respeita as opções dos seres humanos*, mas *toma sempre o partido dos mais fracos*. Na atividade profética de Elias se deu um *longo processo de aprendizado e conversão*, frutos da *ação pedagógica divina*, movimento lento e amoroso da *Rûah Iahweh* em Elias. A *luta entre os dois mundos* que se encontravam em tensão diante de Elias (mundo do poder e da dominação, e

¹⁰⁵ Cf. VARONE, F. Op. cit., pp. 31-40.

mundo da fragilidade humana e da libertação), foi também uma *dura luta interna* travada no mais profundo de seu íntimo para que pudesse optar por um destes dois mundos. Esta difícil e penosa luta, ou melhor, este *combate espiritual*, só chega ao fim desejado, porque Elias se abre à ação da *Rûah Iahweh* e aos *pequenos*. Este profeta no Horeb descobre que Iahweh age no *mistério*, no *íntimo das liberdades pessoais* daqueles que se mantêm diante dele em *verdade*. Elias percebe então que Iahweh permanece “*inatingível, nem utilizável, nem assinável, escapando aos desejos do poder de seu profeta, deixando-o antes se atrapalhar até que a vida lhe faça descobrir a vaidade de suas escolhas.*”¹⁰⁶

Portanto, foi a *Rûah Iahweh*, agindo no coração deste profeta e nos fatos cotidianos de sua história, que possibilitou que ele conhecesse verdadeiramente Iahweh e qual é a sua missão como profeta. É ainda a *Rûah Iahweh* que lhe dá coragem para continuar nesta missão.

b) O profeta Proto-Isaías: “O século áureo da profecia”

O profeta Isaías desenvolve sua atividade profética entre os anos de 740 a 690 a.C. no reino do norte (Judá). Presencia e vivencia a injustiça praticada pela elite dirigente¹⁰⁷ e as tristes conseqüências dessa situação na vida do povo. É profeta do Templo e conselheiro do rei (2Rs 19,1-7) o que não significa dizer que apoiasse as injustiças e corrupções das classes altas. Muito pelo contrário, é homem decidido que demonstra energia enfrentando reis e políticos. Seus maiores ataques são dirigidos contra os *grupos dominantes* (autoridades, juízes, latifundiários, políticos, mulheres da classe alta de Jerusalém). Defende com paixão os oprimidos, os órfãos e as viúvas (1,17), e o povo explorado (3,12-15). Quando fracassa nas suas tentativas de converter o povo não se deixa abater. Calase por alguns anos, não por desânimo, mas por ser um homem de paixão controlada. Segundo José Luiz Sicre sua profecia está baseada em quatro pontos fundamentais: a santidade de Deus, a consciência de pecado (pessoal e coletivo), a necessidade de um castigo, e a esperança de salvação.¹⁰⁸ “Grande parte de sua pregação era baseada na *escolha divina de Jerusalém* e na *eleição da dinastia*

¹⁰⁶ Ibid., p. 45.

¹⁰⁷ Atua nos reinados de Ozias, de Joatão, de Acáz, e de Ezequias (cf. Is 1,1).

¹⁰⁸ Cf. SICRE, J. Op. cit., pp. 265-266.

davídica, princípios teológicos fundamentais, reflexo da fé que o sustentava.”¹⁰⁹ O fundamental na *teologia* de Isaías é a concepção da santidade de Iahweh, a saber, a transcendência física e moral torna Iahweh “totalmente outro” do ser humano. A segunda idéia fundamental deste profeta é a compreensão de que Deus possui desígnios com o qual dirige os acontecimentos e os conduz à meta por ele estabelecida. Estes desígnios são diferentes dos desígnios dos homens e das mulheres.¹¹⁰

A pregação de Isaías pretende *converter* seus contemporâneos/as e levá-los a uma *mudança de conduta*. Para ele, converter-se significa *estabelecer as relações corretas entre Deus e o ser humano*. Este profeta tinha consciência de ser pecador e de viver no meio de um povo impuro. Portanto, o fundamental, na *pregação profética* de Isaías, é o desejo de *provocar no povo o encontro com Deus e a aceitação plena de Iahweh no meio do povo*.¹¹¹

O que a ação da *Rûah Iahweh* provocará no Messias

Como já assinalamos anteriormente, foi ficando cada vez mais claro para a fé de Israel que a unção ritual sobre os reis não bastava para fazê-los fiéis servos de Deus e cumpridores do ideal do Êxodo. Por isso mesmo, surge a expectativa do *messias salvador de Israel*. É na dificuldade e no perigo que Isaías vai percebendo esta dura realidade e anuncia a *libertação* e um *futuro de esperança*. Faz isto em primeiro lugar a Acáz através da profecia do Emanuel (Is 7,10ss), depois a Ezequias durante a invasão de Senaqueribe (Is 37,21-35).¹¹² Posteriormente, quando a Assíria reduz Judá a um reino-vassalo Isaías entrevê um *renascimento da dinastia no futuro*.¹¹³ É no meio desses dramas que Isaías prediz:

“Um ramo sairá do tronco de Jessé, um rebento brotará de suas raízes. *Sobre ele repousará o espírito de Iahweh, espírito de sabedoria e de inteligência, espírito de conselho e de fortaleza, espírito de conhecimento e de temor de Iahweh: no temor de Iahweh estará a sua inspiração*. Ele não julgará segundo a aparência. Ele não dará sentença apenas por ouvir dizer. Antes, *julgará os fracos com*

¹⁰⁹ NAKANOSE, S; PEDRO, E. P. *Como ler o Primeiro Isaías (Is 1-39)*: confiar em Javé, o Santo de Israel. São Paulo: Paulus, 2002. pp. 10-11

¹¹⁰ Cf. McKENZIE, J. L. Op. cit., p. 451.

¹¹¹ Cf. SICRE, J. Op. cit., pp. 275-276.

¹¹² Cf. CONGAR, Y. *Revelação e Experiência do Espírito...* Op. cit., p.23.

¹¹³ Cf. McKENZIE, J. L. Op. cit., p. 607.

justiça, com equidade pronunciará sentença em favor dos pobres da terra.” (Is 11, 1-4a).¹¹⁴

Isaías presente a existência dum *Espírito santo e santificante*, fonte única de todas as transformações interiores (v.2).¹¹⁵ O messias receberá deste Espírito, que repousará sobre ele, todos os dons necessários para reinar segundo a justiça.¹¹⁶ Estes dons são as *seis virtudes do governante* (sabedoria, inteligência, conselho, fortaleza, conhecimento e temor de Iahweh). Isaías ainda defende a estrutura política do reino messiânico, mas estabelece a necessidade da *regeneração moral do reino*. Portanto, podemos afirmar que o *messianismo de Isaías não pode de modo algum ser chamado de messianismo político, isto porque é a Rûah Iahweh o verdadeiro criador do reino messiânico*.¹¹⁷ Podemos ainda perceber que os versículos destacados acima traçam o *retrato ideal do novo rei* como sendo o oposto daqueles que havia em Israel.

“Sobre o messias o *Espírito* não descerá, mas *repousará* (Is 11,2); nele *fará brilhar todos os seus recursos*, a sabedoria e a inteligência como em Besaleel (Ex 35,31) ou em Salomão, o conselho e a força como em Davi, o conhecimento e o temor de Deus, ideal das grandes almas em Israel. *Esses dons abrirão para o país assim governado uma era de felicidade e de santidade* (Is 11,9).”¹¹⁸

Portanto, a ação da *Rûah Iahweh* provocará no messias futuro a possibilidade de estabelecer a *justiça* e a *felicidade*. Com isso, ele não julgará o povo pela aparência nem pelo que ouve dizer. Como conseqüência da *ação da Rûah* sua sentença privilegiará os *fracos* e os *pobres*. Ele decidirá com retidão pelos *fracos* da terra. Tudo isto porque o novo rei recebe uma *investidura espiritual*. Afirmar que a *Rûah* repousa sobre ele está indicando que *o dom do Espírito não é passageiro, mas duradouro*. Estes dons não são para seus próprios méritos, mas

¹¹⁴ Sicre aponta que há críticos que duvidam que o oráculo ou poema messiânico de 11, 1-9 pertença a Isaías, enquanto que há autores que defendem sua autenticidade Cf. SICRE, J. Op. cit., p.267 e p. 273. Para a finalidade de nossa reflexão nos parece irrelevante esta questão. Queremos focar o que a ação da *Rûah Iahweh* provoca no autor deste texto, seja ele o Proto-Isaías ou qualquer outro profeta de Deus.

¹¹⁵ Cf. GUILLET, J. Verbete “Espírito”. In: LÉON-DUFOUR, X. Op. cit., p. 294.

¹¹⁶ CONGAR, Y. *Revelação e Experiência do Espírito...* Op. cit., p. 24.

¹¹⁷ McKENZIE, J. L. Op. cit., p. 607.

¹¹⁸ GUILLET, J. Verbete “Espírito”. In: LÉON-DUFOUR, X. Op. cit., p. 297.

para *serem usados em favor do povo*, para que ele possa exercer o governo baseado na justiça, praticando o direito em benefício dos *pobres e excluídos*.¹¹⁹

1.1.2.5.

O Exílio: fonte depuradora para a *Experiência da Rûah lahweh*

Durante o Exílio da Babilônia (585-538 a.C.) os judeus/ias, que corriam o risco de perder a própria identidade, cultura e religião, dirigem seu olhar não só para frente, isto é, para a possibilidade de *salvação* no futuro a partir de uma *Nova Criação*, mas também lançam um olhar para trás na história. Fazem isto com novos olhos, abertos pela experiência do desterro e do Exílio. Neste momento duro e sofrido se desenvolve a reflexão sobre a experiência histórica pregressa de *salvação* de Israel. Este olhar para trás ajuda a complementar e ampliar a visão do povo também em termos de *teologia da criação*. Portanto, podemos afirmar que o *enriquecimento da experiência e da teologia do Espírito* foi determinado pelo Exílio em duas direções salvíficas: a *salvação passada* que se deu na *criação* e a *salvação futura* que se abre a partir da *nova criação*.¹²⁰

A - A Salvação já estava no passado: a Criação

Os fiéis pensadores de Israel, tentando responder à questão que levantam nestes amargos anos de Exílio: “*de onde viemos e qual o sentido de estarmos aqui?*”, depuram e aprofundam a experiência de Iahweh e desenvolvem o discurso acerca de Deus como criador do mundo, do ser humano e de todas as coisas criadas. Neste momento é dado um grande passo na compreensão sobre Deus.

“Israel inicialmente encontrou Deus pelas intervenções divinas em sua própria história. Javé lhe apareceu, primeiro como seu Deus próprio, o Deus da Aliança que escolheu Israel como seu povo. A antiga fé javista israelita se autodefinia, em função de determinadas experiências históricas, exclusivamente como fé-na-salvação. Obras divinas em favor de Israel são, pois primeiramente intervenções de Deus na história. Mas, *pouco a pouco, descobre Israel que o seu Deus é também o do universo, que sua soberania se estende a tudo, que ele é o Senhor das forças cósmicas e que delas dispõe a seu bel-prazer.*”¹²¹

¹¹⁹ Cf. MAZZAROLO, I. *O Clamor dos Profetas ao Deus da Justiça e Misericórdia...* Op. cit., pp. 103-105.

¹²⁰ Cf. HILBERATH, B. J. Pneumatologia. In: SCHNEIDER, T. Op. cit., p. 414.

¹²¹ DANIELLOU, J. *No Princípio: Gn 1-11*. 2. Petrópolis: Vozes, 1966. p. 38. Grifo nosso.

Além disto, o que antes havia sido experimentado em diferentes situações da vida, agora *se amplia* e percebem *a dependência permanente da Rûah como doadora de vida de Iahweh*.¹²² É no livro do Gênesis que encontramos narrados dois relatos, um exílico e outro pós-exílico, que buscam responder a questão sobre as *origens*.¹²³

a) O Primeiro Relato da Criação: Deus age através de sua *Rûah*

O relato que se encontra em primeiro lugar no texto bíblico (Gn 1,1-2,4a) é a *Narrativa Sacerdotal*¹²⁴ e nos apresenta uma teologia cheia de antropomorfismos que nos ensinam grandes coisas. Esta narrativa não é histórica no sentido atual daquilo que um historiador faz. Ela “tem a forma de um grande poema, e assim deve ser vista, deixando de lado a comparação com as modernas concepções sobre a origem do universo”¹²⁵ No entanto, o seu conteúdo tem um *alcance muito maior*, pois busca analisar o que aconteceu *no mais profundo da história e da vida*. Portanto, contém reflexões do povo de Deus, a partir de sua fé, sobre suas origens e a origem de todas as coisas, afirmando que elas se encontram em Deus que sopra sua *Rûah* e diz sua *Palavra*, e só nele. Temos aí uma mensagem de fé de enorme valor religioso e existencial que consiste na afirmação de que Deus, “e unicamente Ele, é o criador de tudo quanto existe e, assim a realidade toda a Ele pertence.”¹²⁶ O autor bíblico para fazer esta afirmação de fé se expressa da seguinte forma: “Ora a terra estava vazia e vaga, as trevas cobriam o abismo, e o *sopro de Deus* agitava a superfície das águas.” (Gn 1,2). Vemos neste versículo a *Rûah Elohim*¹²⁷ “vibrando”¹²⁸ sobre a terra vazia, agitando desta forma as águas

¹²² Cf. HILBERATH, B. J. Pneumatologia. In: SCHNEIDER, T. Op. cit., p. 414.

¹²³ Para aprofundar estes dois relatos da criação consultar MAZZAROLO, I. *Gênesis 1-11: E assim tudo começou...* Rio de Janeiro: Mazzarolo Editor, 2003. pp. 65-99 e também DANIELLOU, J. Op. cit., 1966.

¹²⁴ Para aprofundar sobre o que a *exegese moderna* nos diz a respeito dos dois relatos da criação consultar GARMUS, L. Uma leitura ecológica dos relatos criacionais de Gn 1-3. In: MÜLLER, I. *Perspectivas para uma nova Teologia da Criação*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 168 e ainda BOUZON, E. Gn 2,4b-24 e os relatos mitológicos do Antigo Oriente. In: MÜLLER, I. Op. cit., p.133.

¹²⁵ STORNILO, I.; BALANCIN, E. M. *Como ler o Livro do Gênesis: Origem da vida e da história*. São Paulo: Paulus, 1991. p. 13.

¹²⁶ GARCIA RUBIO, A. *Elemento de Antropologia Teológica*. Salvação cristã: salvos de quê e para quê? Petrópolis: Vozes, 2004. p. 60.

¹²⁷ *Elohim* é o nome de Deus dado pelo autor deste relato.

primordiais. Na expressão de M. Buber este sopro de Deus *bafeja e brame* como se fosse um *vento*, pois, esta é a impressão do homem bíblico com referência ao espírito.¹²⁹ Segundo Norman G. Habel em Gn 1,2 encontramos a seguinte situação neste relato da criação: 1- a terra informe e desabitada encontra-se escondida nas águas primordiais, enquanto que o *sopro de Deus* paira sobre estas águas; 2- a terra encontra-se escondida na obscuridade primordial e aguarda silenciosamente a manifestação deste *sopro*; 3- não há uma situação de aparente dualismo ou conflito. O que significa dizer que não há um caos primitivo que é vencido pelas obras do Criador.¹³⁰ Podemos ainda apresentar outra interpretação possível para este versículo onde se afirma que a *Rûah* pairava sobre a *anticriação*.¹³¹ Os termos *tohu wahobu* usados pelo autor bíblico sugerem, ao mesmo tempo, o *vácuo* e a *desordem*, ou seja, a *realidade caótica* que precedeu a criação. Entretanto, este caos não significa algo maléfico. Logo, se o Espírito de Deus está pairando sobre o caos, podemos concluir que ele é mais do que uma possibilidade, é *promessa de vida* pairando sobre a realidade caótica.¹³² Vale a pena conferir ainda o que nos diz Philips sobre a *Rûah* divina no momento da criação do mundo. Este teólogo afirma que a *Rûah* pairava e plainava como um *sopro do parto criacional*.¹³³ Nesta mesma linha, Paul Evdokimov, o grande teólogo russo ortodoxo, afirma que a *Rûah* neste relato da criação '*choca*' o ovo do mundo.¹³⁴ Para nós é de suma importância destacar a *Rûah* como o faz Maria Clara Bingemer quando nos diz que ela é "como uma Grande Mãe, que de suas amorosas e fecundas entranhas, dá à luz e faz eclodir o universo [...] ela é mãe e senhora da vida que traz as coisas do lugar de onde não são para que sejam."¹³⁵

¹²⁸ É Moltmann quem usa esta expressão. Cf. MOLTSMANN, J. Op. cit., p. 50.

¹²⁹ Cf. BUBER M. apud BLANK, J. verbete "Espírito Santo/Pneumatologia". In: *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. São Paulo: Ed. Paulus, 1993. p. 243.

¹³⁰ Cf. HABEL, N. G. apud GARMUS, L. Uma leitura ecológica dos relatos criacionais de Gn 1-3. In: MÜLLER, I. Op. cit., pp. 170-171. Este artigo é escrito numa perspectiva que busca reler a herança bíblica à luz da crise ambiental pela qual passa nosso planeta. Para esta releitura ecológica da Bíblia é fundamental apresentar a obra criada e seu Criador numa harmonia. Portanto, ela nega qualquer dualismo entre os dois de forma que Deus precise vencer o caos existente anteriormente.

¹³¹ Esta interpretação não tem a preocupação ecológica que a anterior apresenta. Sua leitura é exclusivamente pneumatológica.

¹³² SANTANA, L. F. R. *Recebereis a força do Espírito Santo*. São José dos Campos, Ed. COMDEUS, 2000. p. 17.

¹³³ Cf. PHILIPS, G. apud BINGEMER, M. C. L. A Trindade a partir da perspectiva da mulher. In: *Teologia Feminina na América Latina*. REB 46. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 81.

¹³⁴ Cf. EVDOKIMOV, P. apud BINGEMER, M. C. L. A Trindade a partir da perspectiva da mulher. In: *Teologia Feminina na América Latina...* Op. cit., p. 81.

¹³⁵ BINGEMER, M. C. L. A Trindade a partir da perspectiva da mulher. In: *Teologia Feminina na América Latina...* Op. cit., p. 81.

O que a ação da *Rûah Elohim* provoca na terra vazia, nas trevas e nas águas primordiais

“Ora, a terra estava vazia e vaga, as trevas cobriam o abismo, e um *sopro de Deus* agitava a superfície das águas. *Deus disse*: ‘Haja luz, e houve luz’...” *Deus disse*: ‘Haja um firmamento no meio das águas...’, e assim se fez... *Deus disse*: ‘Que as águas que estão sob o céu se reúnam num só lugar e, que apareça o continente’, e assim se fez... *Deus disse*: ‘Que a terra verdeje de verdura...’ *A terra produziu verdura...* *Deus disse*: ‘Que haja luzeiros no firmamento para separar o dia da noite...’ e assim se fez... *Deus disse*: ‘Fervilhem as águas um fervilhar de seres vivos e que aves voem acima da terra...’ e assim se fez... *Deus disse*: ‘Que a terra produza seres vivos segundo sua espécie...’ e assim se fez... *Deus disse*: ‘Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança...’ *Deus criou* o homem à sua imagem e semelhança, à imagem de Deus *ele o criou*, homem e mulher *ele os criou*.” (cf. Gn 1, 2-27).¹³⁶

No relato completo de Gn 1,1-2,4a encontramos associados a Palavra de Deus e seu Sopro. O *Sopro* de Deus sai de sua boca, assim como sua *Palavra*. A boca é o órgão da *palavra* e é ainda por onde sai o *sopro*. No princípio, o *Sopro* de Deus paira sobre uma criação que ele realiza por sua *Palavra* (Gn 1,2s).¹³⁷

Conseqüentemente,

“Quando a *ruah* é associada a Deus e Deus associado à *ruah*, então *ruah* e *dabar Yahweh* se aproximam. *Ruah* é entendida como *sopro da voz de Deus* (...) Portanto, quando há esta unidade de *sopro* e *voz* aplicada à ação criadora de Deus, então as coisas são chamadas à vida pelo *espírito* e pela *palavra* de Deus.”¹³⁸

Esta associação entre *Sopro* e *Palavra de Deus* não é exclusiva deste relato da criação. Podemos encontrá-la também no Sl 33 quando o hagiógrafo ao fazer um hino à providência nos diz: “o céu foi feito com a *palavra* de Iahweh, e seu exército com o *sopro* de sua boca” (v.6). Igualmente encontramos essa mesma associação no chamado dos profetas. Percebemos, por exemplo, que nos tempos mais antigos eles são chamados pela *Rûah Iahweh* (*sopro*), sendo que mais tarde eles serão convocados, na maioria das vezes pelo *Dabar Iahweh* (*palavra*).¹³⁹

¹³⁶ Para que a citação bíblica não fique muito extensa entendemos ser mais conveniente retirar desta perícopes os versículos que nos dão possibilidade de perceber o que a ação da *Rûah* provoca. Buscamos colocar em itálico o que consideramos ser pertinente para tal objetivo.

¹³⁷ Cf. CONGAR, Y. *A Palavra e o Espírito...* Op. cit., pp. 25-26.

¹³⁸ Cf. MOLTSMANN, J. Op. cit., p. 50.

¹³⁹ Cf. Ibid.

No relato sacerdotal da criação, esta profunda relação entre *Palavra* e *Sopro de Deus*, fica mais clara, pois aí vemos Deus criando todas as coisas por sua *palavra*, e falando através das *energias criadoras da sua Rûah* (sopro).¹⁴⁰

“De acordo com a analogia do *sopro* e da *voz* pode-se mesmo dizer que as *palavras criadoras* especificam e definem, mas que *elas são proferidas no mesmo sopro*, de modo que todas as criaturas são chamadas à vida pela mesma *ruah*, e que esta constitui a *comunhão* de todas elas na criação. A *palavra masculina (dabar)* e a *força vital (ruah)* necessariamente se completam.”¹⁴¹

Finalmente, precisamos destacar que a partir do Exílio, assim como a *palavra profética* e o *Espírito divino que a inspira* estão interligados, assim também a *palavra criadora* e a *Rûah criadora de Iahweh* encontram-se igualmente interligados.¹⁴² Tendo em mente esta íntima relação, que acabamos de destacar, vejamos a seguir o que podemos afirmar sobre o resultado da ação da *Rûah* a partir da perícopos que destacamos.

É a ação do *Sopro* e da *Palavra*, aqui associados, que cria a luz, fazendo a distinção entre luz e trevas. E, desta forma, Deus vai criando o firmamento, a terra, a vegetação, o sol, a lua, as estrelas, todos os animais, e o homem e a mulher. O que é o essencial para destacarmos neste primeiro relato da criação é o fato do autor bíblico usar a expressão “*Deus criou*”. O verbo “criar” em hebraico é *bara’*, e o Primeiro Testamento só o usa para Deus, o que significa dizer que é um vocábulo sagrado. *Bara’* designa assim um modo próprio do agir divino, que não é análogo ao que faz o ser humano como “fabricar” ou “construir”. O termo *bara’* indica aquilo que só Deus é capaz de fazer, a saber, *criar a partir do nada*. Portanto, esta é a originalidade essencial deste relato, a insistência no fato de que cada um dos elementos do mundo, e o ser humano são obras de Deus.¹⁴³

Podemos ainda afirmar que se o Espírito de Deus transformou o caos primordial em *vida*, e esta realidade tornou-se um *referencial significativo* para toda espécie de caos que foi experimentado pelo homem e pela mulher bíblicos. Sempre que este homem e esta mulher viram-se ameaçados/as pelas forças que geravam o caos ele/a se segurava nesta *pedagogia divina*: “assim como ele agira no princípio,

¹⁴⁰ Cf. Ibid.

¹⁴¹ Ibid., p. 50. Grifo nosso.

¹⁴² Cf. HILBERATH, B. J. Pneumatologia. In: SCHNEIDER, T. Op. cit., p. 414.

¹⁴³ DANIELLOU, J. Op. cit., p. 37-39.

soprando sobre o caos e cosmificando-o, qualquer situação caótica da história pessoal ou social do homem *já contém em si um germe de promessa criadora.*¹⁴⁴

b) O Segundo Relato da Criação: O ser humano é chamado à vida pelo “*hálito*” divino

Este segundo relato da criação (Gn 2,4b-7) é o mais antigo e mais breve. É a *Narrativa Javista*, ou como hoje se prefere denominar na exegese moderna, *Narrativa Pré-Sacerdotal*. Aqui não encontramos o relato da criação do mundo, mas sim o da *criação do ser humano*. Nele encontramos os versículos 4b-6 como uma *mensagem preparatória* para o que será dito no versículo sete. Nestes versículos precedentes, afirma-se que a realidade que conhecemos não existia no momento em que Deus criou o homem. Com esta elaboração preliminar chega-se a esta declaração: “Então Yahweh Deus modelou o homem com a argila do solo, insuflou em suas narinas um *hálito de vida* e o homem se tornou um ser vivente.” (Gn 2,7). Este versículo narra a criação do homem em *dois atos* seguido do *resultado* que estes atos causam. No *primeiro ato* Iahweh modela o homem da forma como o faz um oleiro quando trabalha um vaso de argila.

“Embora a relação ‘adam e ‘adamah seja clara, o v. 7 apresenta como material empregado na modelagem do homem o ‘apar que pode indicar tanto o ‘barro’, ‘argila’, como também o ‘pó’ que não seria, propriamente, o material usado por um oleiro. É provável que, com o uso deste termo, o autor do relato queira acentuar a limitação, a fraqueza do ser criado. O homem (‘adam) é, em sua limitação, terreno; é uma criatura que pertence à terra (‘adamah). Foi tirado da terra-mãe; sua missão é trabalhar a terra e quando morrer voltará à terra.”¹⁴⁵

No *segundo ato* vemos a respiração de Deus, seu *hálito*, sendo comunicado ao ser humano por insuflação divina.¹⁴⁶ Portanto, o homem é alguém que por meio do “sopro divino” se torna um *ser vivente*.

O que a ação do “*hálito*” divino provoca no ser humano

“... e o homem se tornou um ser vivente.” (Gn 2, 7c)

¹⁴⁴ SANTANA, L. F. R. Op. cit., p. 17.

¹⁴⁵ BOUZON, E. Gn 2,4b-24 e os relatos mitológicos do Antigo Oriente. In: MÜLLER, I. Op. cit., p. 136.

¹⁴⁶ MCKENZIE, J. L. Op. cit., p. 303.

Este é o resultado da ação divina no homem modelado a partir da argila ou pó da terra. O Primeiro Testamento, desta forma, vê “no homem criado uma unidade e não um composto. A argila modelada torna-se pelo *hálito vital* que Deus *sopra* nela um ser vivente.”¹⁴⁷ A *Rûah* é um poder vital divino que domina o homem e que nunca se torna um componente natural do ser humano. A *rûah* dos seres vivos depende permanentemente da *Rûah* criadora de Iahweh. Desta forma, a *Rûah* “não é a dimensão divina das profundezas da vida, e sim potência de vida presenteada por Deus em sua solicitude para com o ser humano.”¹⁴⁸

B - A Salvação futura: a Nova Criação

Como já assinalamos anteriormente a experiência do Exílio, onde a opressão e o sofrimento são vividos com intensidade, faz com que os pensadores de Israel, e em especial os profetas, lancem um olhar para o futuro à luz da fé e sejam capazes de perceber que *há um futuro de salvação que os espera*. Além disto, percebem que *é preciso construir este futuro desde já*.¹⁴⁹ É neste momento histórico que brota no povo de Israel a esperança de uma *Nova Criação*. Entretanto, essa tese teológico-bíblica precisa ser confirmada por uma *reflexão sobre o Espírito recriador*, isto é, uma reflexão que possibilita de maneira nova a Vida e as relações entre os seres humanos.¹⁵⁰

a) O profeta Ezequiel e a Nova Criação

A atividade profética de Ezequiel¹⁵¹ pode ser situada entre os anos de 593-571 a.C., o que significa dizer que profetiza antes e depois da destruição de Jerusalém em 587 a.C. O local mais provável de onde profetiza é a Babilônia.¹⁵² A opinião

¹⁴⁷ BOUZON, E. Gn 2,4b-24 e os relatos mitológicos do Antigo Oriente. In: MÜLLER, I. Op. cit., p. 137

¹⁴⁸ HILBERATH, B. J. Pneumatologia. In: SCHNEIDER, T. Op. cit., p. 415.

¹⁴⁹ NAKANOSE, S. e PEDRO, E. P. *Como Ler o Segundo Isaías (40-55): da semente esmagada brota nova vida*. São Paulo: Paulus, 2004. p. 9

¹⁵⁰ HILBERATH, B. J. Pneumatologia. In: SCHNEIDER, T. Op. cit., p. 415.

¹⁵¹ Durante o Exílio da Babilônia voltamos a encontrar nos profetas Ezequiel e Dêutero-Isaías um forte apelo à *Rûah Iahweh* e à *inspiração em visões e profecias*. Isto acontece, sem que haja neles os estranhos fenômenos que acompanhavam os primeiros profetas e videntes em Israel. Cf. MOLTSMANN, J. Op. cit., p. 53.

¹⁵² Cf. ROSSI, L. A. S. *Como ler o Livro de Ezequiel: o Profeta da Esperança*. São Paulo: Paulus, 2001. p. 9

predominante entre os/as especialistas é a de que Ezequiel foi desterrado com Jeconias em 597. No exílio é vocacionado por Deus, e em meio aos exilados/as desenvolve sua atividade profética.¹⁵³ Viveu os últimos anos da monarquia judaica e sua mensagem tem duas partes diferenciadas. O marco divisor é a queda de Jerusalém.¹⁵⁴ É bem provável que Ezequiel tenha sido sacerdote e com o desterro para longe de Jerusalém, não tenha podido exercer seu ministério sacerdotal. É difícil precisar a personalidade deste homem. Alguns autores/as chegaram a considerar Ezequiel como uma personalidade doentia devido às freqüentes visões que possuía (1,1-3,15; 3,16a.22s; 8-11; 37,1-14; 40-48); às ações simbólicas e mímicas que realizou (bater palmas, bater com os pés); ao freqüente abatimento, embora em outras vezes se mostre quase insensível; e ao longo tempo que perdeu a fala. Entretanto, hoje, parece certo afirmar que ele tinha uma *sensibilidade especial, mais fina e aguda que a de outros profetas*.¹⁵⁵

Na primeira parte da atividade deste profeta (597-586 a.C.) sua mensagem gira em torno do mesmo tema, “o castigo de Judá e de Jerusalém, justificado com um espectro cada vez mais amplo de acusações: *sincretismo, injustiças, alianças com estrangeiros*.”¹⁵⁶ Na segunda fase (585 a.C.-?) Ezequiel condena os povos que colaboraram na destruição desta cidade e, o mais importante, anuncia que doravante *Deus julgará cada um segundo a sua conduta*. Vemos aqui uma superação da mentalidade coletiva, e um caminho para a *responsabilidade individual* (18; 33,12-20). Este é um grande progresso na história teológica de Israel.¹⁵⁷ Entretanto, não foi este profeta quem descobriu o princípio da responsabilidade pessoal. Ele já era conhecido pelas tradições mais antigas e pela Lei de Israel. Apesar disto, foi Ezequiel quem o *reafirmou com a energia necessária que sua época exigia*.¹⁵⁸ Ezequiel denuncia os príncipes, sacerdotes, nobres, profetas, latifundiários (22,23-31), e também os pastores (reis) e os poderosos (34) como os responsáveis pela catástrofe ocorrida. Depois anuncia uma nova situação de paz e bem-estar, onde o próprio Deus apascentará suas ovelhas (34,11-16). Para realizar tal tarefa *Iahweh suscitará uma autoridade que se colocará a serviço do povo fraco e empobrecido* (34,23-31). Como podemos

¹⁵³ Cf. SICRE, J. Op. cit., p. 302.

¹⁵⁴ Cf. Ibid., p. 298.

¹⁵⁵ Cf. Ibid., pp. 303-304.

¹⁵⁶ Ibid., p. 306. Grifo nosso.

¹⁵⁷ Cf. Ibid., p. 309.

¹⁵⁸ Cf. McKENZIE, J. L. Op. cit., p. 334.

ver nesta nova fase as palavras de Ezequiel não são mais palavras de lamentações e gemidos, pois são *anúncios de esperança*.¹⁵⁹

A ação da *Rûah Iahweh* provoca uma Nova Criação

Estamos num dos momentos principais da profecia de Ezequiel. Ele experimenta que a libertação agora será renovada e um *Êxodo novo está a caminho* (36,23). A intervenção de Iahweh se dá de forma definitiva libertando e reconstruindo a vida do seu povo, pois a destruição, o exílio e a miséria não têm a última palavra.¹⁶⁰

“Dar-vos-ei coração novo, porei no vosso íntimo *espírito novo*, tirarei do vosso peito o coração de pedra e vos darei coração de carne. *Porei no vosso íntimo o meu espírito e farei com que andeis de acordo com os meus estatutos e guardeis as minhas normas e as pratiqueis*. Então habitareis na terra que dei a vossos pais: sereis o meu povo e eu serei o vosso Deus; *libertar-vos-ei* de todas as vossas impurezas.” (36, 25-29a)

Iahweh derramará uma *Rûah Nova* que é a *Sua Rûah* no mais íntimo das pessoas. Somente com esta força do alto o *coração de pedra* (vida baseada nos pequenos ritos e sacrifícios prescritos pela lei e que encobrem a manipulação da verdade e da justiça) poderá se transformar em *coração de carne* (vida baseada na ação da *Rûah Iahweh*). Somente um coração novo movido pela *Rûah divina* é capaz de ouvir e colocar em prática os estatutos e os mandamentos de Iahweh.¹⁶¹ Ezequiel (vv. 26-27) assim como Isaías (32, 15-20) e o Salmo 51 (v. 12) “*vislumbram um futuro sem rei, em que o povo renasce, cada vez de novo, pela efusão do Espírito no coração do próprio povo.*”¹⁶²

No capítulo seguinte Ezequiel é conduzido pela *Rûah Iahweh* para um vale cheio de ossos, onde Deus lhe diz:

“ ‘Filho do homem, porventura tornarão a viver estes ossos?’ Ao que respondi: ‘Senhor Iahweh, tu o sabes.’ Então me disse: ‘Profetiza a respeito desses ossos e dize-lhes: Ossos secos, ouvi a *palavra de Iahweh*. Assim *fala o Senhor Iahweh a estes ossos*: Eis que vou fazer com que sejais penetrados pelo *espírito* e vivereis. Cobrir-vos-ei de tendões, farei com que sejais cobertos de carne e vos revestirei

¹⁵⁹ Cf. ROSSI, L. A. S. *Como ler o Livro de Ezequiel: o Profeta da Esperança*. São Paulo: Paulus, 2001. pp. 50-54.

¹⁶⁰ Cf. *Ibid.*, p. 56.

¹⁶¹ MAZZAROLO, I. *O Clamor dos Profetas ao Deus da Justiça e Misericórdia...* Op. cit., p.38.

¹⁶² MESTERS, C. *Descobrir e discernir o rumo do Espírito*. Uma reflexão a partir da Bíblia. In: TEPEDINO, A. M. *Amor e Discernimento...* Op. cit., p. 35.

de pele. *Porei em vós o meu espírito e vivereis.* Então sabereis que sou Iahweh.’ ” (37, 3-6)

A *Palavra de Iahweh* e seu *Espírito* estão juntos no projeto de libertar e reconstruir o povo. O profeta entende a ressurreição destes ossos como uma *Nova Criação*. *A ação do espírito ressuscita os mortos e lhes traz a vida eterna.*¹⁶³ Ela não será simplesmente um melhoramento progressivo da velha criação. Assim como o *coração de pedra* dá lugar para um *coração de carne*, a *velha criação* dá lugar para a *Nova Criação*. Como podemos ver não é um projeto de continuidade, mas sim de ruptura. E, quem possibilita essa nova vida é a *Rûah Iahweh* agindo no interior da humanidade.

Segundo Yves Congar os capítulos 36 e 37 do livro de Ezequiel são *inigualáveis*. Neles vemos que “Iahweh está mais do que nunca presente junto aos fiéis, seu Espírito reanimará as ossadas, seu sopro (*Rûah*) fará deles pessoas vivas, e fará isso comunicando-se dentro do coração deles.”¹⁶⁴

b) O Dêutero-Isaías (40-55): “da semente esmagada brota Nova Vida”

Este é um profeta anônimo que vive no Exílio e é considerado por muitos como o *maior profeta* e o *melhor poeta de Israel*. Muito se tem dito sobre ele, entretanto, não existe unanimidade entre seus/as comentaristas. Apesar disto, a maioria deles/as aceita que sua atividade profética se deu entre 533-539 a.C., antes da vitória final de Ciro, rei da Pérsia, sobre o império neobabilônico. Neste período, em que o povo deportado vive “junto dos canais da Babilônia” cresce entre os/as israelitas o ódio, os desejos de vingança, a saudade da terra prometida e as ânsias de libertação. Sentimentos que vão acompanhados de uma *crise de fé e de esperança*.¹⁶⁵ Isto porque os judeus/ias encontram-se no “fundo do poço”. Entre eles/as há fome, sede, trabalhos forçados, violência e confinamento. A vida destes homens e mulheres é sugada dia-a-dia. Entretanto, *o sofrimento torna-se maior quando imaginam que tudo pelo qual passam é castigo de Deus.*¹⁶⁶ A mensagem do Dêutero-Isaías reflete este momento histórico, *onde se faz necessária uma resposta de fé e esperança para este povo sofrido.*

¹⁶³ Cf. MOLTSMANN, J. Op. cit., p. 72.

¹⁶⁴ CONGAR, Y. *Revelação e Experiência do Espírito...* Op. cit., p. 25

¹⁶⁵ Cf. SICRE, J. Op. cit., pp. 310-311.

¹⁶⁶ Cf. NAKANOSE, S. e PEDRO, E. P. *Como Ler o Segundo Isaías (40-55)...* Op. cit., p. 21.

Os capítulos escritos por este profeta que se encontram dentro do livro de Isaías (40-55) são conhecidos como o “livro da consolação”, devido às suas palavras iniciais: “consolai, consolai o meu povo, diz o Senhor”. Título que lhe cabe muito bem, pois o tema da *consolação* volta a ressoar por muitas vezes ao longo de sua obra (40, 27-31; 41,8-16; 43,1-7; 44,1-2; etc), mostrando o *amor e a preocupação de Iahweh pelo seu povo*. Mas, em que consiste esta *consolação* que o Dêutero-Isaías faz questão de anunciar? Segundo José Luís Sicre:

“O livro responde em duas etapas. Na primeira (cap. 40-48) nos diz que consiste na *libertação do jugo babilônico e no regresso à terra prometida, uma espécie de segundo êxodo, semelhante ao primeiro, quando o povo saiu do Egito*. A segunda parte (cap. 49-55) fala-nos da *reconstrução e restauração de Jerusalém*.”¹⁶⁷

Por volta de 550 a.C. surge uma luz no horizonte: a possibilidade do rei Ciro derrotar a Babilônia e desta forma chegar ao fim o exílio pelo qual passa o povo de Israel. Com a esperança de poder voltar a Jerusalém, o Segundo Isaías anuncia às comunidades exiladas, o fim do sofrimento. Desta forma sua profecia busca fortalecer a fé e a vontade de viver entre as pessoas que não têm motivos para crer e se alegrar com mais nada.¹⁶⁸

Iremos nos centrar na *primeira etapa de consolação* anunciada pelo Segundo Isaías, pois é aí que encontramos os “quatro cantos do servo”. Na opinião de José Luís Sicre com estes cantos atingimos *um dos auges teológicos do Primeiro Testamento*, pois nunca antes se havia falado tão claramente do *valor redentor do sofrimento*. É este profeta que proclama pela primeira vez que “se o trigo cair na terra e morrer, produz muito fruto”.¹⁶⁹

Entre os quatro cantos compostos por este profeta iremos destacar somente o primeiro, visto que nosso objetivo é o de conhecer sua *pneumatologia* que pode ser vislumbrada a partir deste canto.

O que a ação da *Rûah Iahweh* provoca em seu Servo

“Eis o meu servo que eu sustento, o meu eleito, em quem tenho prazer. *Pus sobre ele o meu espírito, ele trará o direito às nações*. Ele não clamará, não levantará a voz, não fará ouvir a voz nas ruas; não quebrará a cana rachada, não apagará a

¹⁶⁷ SICRE, J. Op. cit., p. 312. Grifo nosso.

¹⁶⁸ NAKANOSE, S. e PEDRO, E. P. *Como Ler o Segundo Isaías (40-55)*... Op. cit., p. 17.

¹⁶⁹ Cf. SICRE, J. Op. cit., p. 313.

mecha bruxuleante, *com fidelidade trará o direito*. Não vacilará nem desacoçoará até que se estabeleça o direito na terra; e as ilhas aguardem seu ensinamento. Assim diz Deus, Iahweh, que criou os céus e os estendeu, que firmou a terra e o que ela produz que deu alento aos que a povoam e o sopro da vida aos que se movem sobre ela. ‘*Eu, Iahweh, te chamei para o serviço da justiça. Tomei-te pela mão e te modelei, eu te constituí como aliança do povo, como luz das nações, a fim de abrires os olhos aos cegos, a fim de soltares do cárcere os presos, e da prisão os que habitam nas trevas.*’ Eu sou Iahweh; este é o meu nome! Não cederei a outrem a minha glória, nem a minha honra aos ídolos. As primeiras coisas já se realizaram, agora vos anuncio outras, novas; antes que elas surjam, eu vo-las anuncio.” (Is 42, 1-9)

Não nos cabe aqui entrar na discussão sobre a identidade do “Servo de Iahweh” devemos somente alertar que ele tanto pode ser o *povo*, como é a opinião de José Luís Sicre¹⁷⁰ e igualmente a opinião de Shigeyuki Nakanose e Enilda de Paula Pedro¹⁷¹, assim como pode ser também o próprio *profeta*.

Ao longo da história este “servo” que vemos cantado nos poemas do Dêutero-Isaías foi visto como personagens diferentes (entre os judeus nacionalistas ele seria Ciro, o rei persa; entre os Hassidim seria o Mestre da Justiça da comunidade de Qumram; e entre os cristãos seria Jesus). A questão quanto à identidade *continua aberta*, porém, estes “poemas apresentam um retrato falado de alguém que possui um comportamento e um caráter especial, uma forma humana tão perfeita que nela se pode perceber o divino.”¹⁷² Logo, “não há nada de estranho em que a Igreja primeva conceber tão grande valor a estes poemas e ver antecipados neles a existência e o destino de Jesus.”¹⁷³ Exatamente por isso, podemos, como cristãos/ãs que somos, ler estes poemas aplicando-os a Jesus de Nazaré.

O versículo primeiro deste canto sinaliza que é preciso abandonar a política determinada pela busca e ampliação do poder, pois o eleito de Iahweh é chamado de “servo” e é sobre ele que *o Espírito de Deus repousa para que traga o direito aos povos*.¹⁷⁴ Portanto, a grande promessa para o futuro que encontramos neste primeiro canto é a do “*Messias-servo que será ungido pelo Espírito para estabelecer o direito na terra e anunciar a Boa-Nova aos pobres.*”¹⁷⁵ Desta

¹⁷⁰ Cf. Ibid., p. 312 nota de rodapé 28.

¹⁷¹ Cf. NAKANOSE, S. e PEDRO, E. P. *Como Ler o Segundo Isaías (40-55)*... Op. cit., p. 44.

¹⁷² MAZZAROLO, I. *A Bíblia em suas mãos*... Op. cit., p. 54.

¹⁷³ SICRE, J. Op. cit., p. 313.

¹⁷⁴ Cf. HILBERATH, B. J. Pneumatologia. In: SCHNEIDER, T. Op. cit., p. 417.

¹⁷⁵ MESTERS, C. Descobrir e discernir o rumo do Espírito. Uma reflexão a partir da Bíblia. In: TEPEDINO, A. M. *Amor e Discernimento*... Op. cit., p. 35. Grifo nosso.

forma, através da unção da *Rûah Iahweh* a Vida Nova está a acontecer, vida pautada na justiça entre os seres humanos e na integridade de suas relações.

Um outro ponto digno de destaque deste poema é a finalidade de Deus repousar sua *Rûah* neste “servo” que nos é apresentada pelo Dêutero-Isaías. Nas palavras de Isidoro Mazzarolo:

“Deus põe sobre o seu servo o seu espírito (42,1) **para que** ele possa proclamar o julgamento sobre as nações e levar a missão até o fim. Ele é modelado **para ser** a Aliança do meu povo, que se expressa em *abrir os olhos dos cegos; libertar os presos; conduzir à luz os que estão nas trevas* (42,1-9).”¹⁷⁶

1.1.2.6. O Pós-Exílio

Este período é conhecido também como a *fase da reconstrução* onde se dá o último período profético do Primeiro Testamento. É tempo da reconstrução do Templo de Jerusalém, tempo do domínio imperialista da Pérsia, tempo de precariedade e tempo de crise. Esta crise está relacionada ao desânimo causado pelo Exílio babilônico, que deixou o povo sem instituições e sem seus símbolos vitais: o Templo, a cidade, a monarquia e, conseqüentemente, sem o funcionamento do culto como acontecia antes do Exílio. Entretanto, tudo isto é coisa do passado. Apesar disto, esta é uma época difícil para o povo de Deus, pois se vive uma nova etapa que está se iniciando. Devido a isto, a tonalidade da profecia muda, e encontramos um *tom mais otimista e consolador*.¹⁷⁷

O profeta Joel: “a caminhada para o silêncio”

Este profeta, que é também poeta de grande talento, desenvolve sua atividade profética no começo do século IV a.C.¹⁷⁸ Joel é um judeu que possuía um conhecimento profundo da vida do campo, como demonstra a sua descrição da praga de gafanhotos.¹⁷⁹ Esta praga devastadora assola Judá e devasta a terra, o

¹⁷⁶ MAZZAROLO, I. *A Bíblia em suas mãos...* Op. cit., p. 54. Negrito nosso.

¹⁷⁷ Cf. SICRE, J. Op. cit., p. 326.

¹⁷⁸ Esta é a tendência dominante na datação da atividade profética de Joel, apesar de encontrarmos estudiosos/as que apontam datas que vão desde o século IX até o III a.C. Cf. *Ibid.*, p.325.

¹⁷⁹“Em época eminentemente agrícola, este simples dado não basta para considerá-lo um camponês, ao estilo de Miquéias. Mais ainda: suas grandes qualidades poéticas, seu conhecimento

mais forte laço entre Deus e o povo. Diante desta situação crítica o povo pensa que se cumpria o que alguns profetas haviam dito sobre o *Dia do Senhor*. Este dia na crença popular israelita pré-exílica era o dia em que *Iahweh se manifestaria em todo o seu poder e sua glória*. Os profetas adotam este simbolismo popular e o aplicam tanto ao julgamento de Israel como ao julgamento de toda a humanidade. É esta compreensão de julgamento terrível que desolará a terra inteira e destruirá os pecadores/as que está na memória do povo no Pós-exílio.¹⁸⁰ Joel é devedor à tradição sobre o Dia do Senhor que remonta a Amós (5,18-20), Sofonias (1,14-18), Abdias (15), Zacarias (12,3; 14,1) e Malaquias (3,2. 18.23), onde este dia é um *dia terrível*. Entende, entretanto, que já tendo chegado o castigo contra Israel, com a queda de Jerusalém, *as perspectivas precisam mudar profundamente*. Faz-se necessária a *conversão*. Somente depois disto o *perdão* será recebido. Desta forma, o Dia do Senhor adquire dimensão de *felicidade* e de *esperança*. Em meio a tantas situações desesperadoras este profeta, homem de intensa fé e de profunda esperança, soube buscar alimento para sua profecia na *mística dos profetas que o antecederam* (Ezequiel, Ageu e Zacarias). Ele usa, assim como o fizeram estes profetas, a calamidade para *ensinar e convidar à conversão*.¹⁸¹

“Joel não anuncia a salvação incondicionada. *Exige a conversão interior, profunda* (“rasgai os vossos corações, e não as vossas vestes”)... Espera a grande mudança definitiva, a irrupção desse *mundo maravilhoso* anunciado por Ezequiel, Ageu, Zacarias. Passaram os anos sem que se cumprisse as esperanças, sem que o povo recobrasse a liberdade e sem os inimigos serem castigados, *sem que se produzisse a efusão do espírito anunciada por Ezequiel*... Espera o cumprimento dela e o anuncia.”¹⁸²

Somente a partir deste contexto que podemos entender a profecia de Joel.

O que a ação da *Rûah lahweh* provoca em toda humanidade

“Depois disto, *derramarei o meu espírito sobre toda carne*. Vossos filhos e vossas filhas profetizarão. Vossos anciãos terão visões. Até sobre os *escravos* e sobre as *escravas*, naqueles dias, *derramarei o meu espírito*.” (3,1-2)

dos profetas que o precederam, nos levam a situá-lo em um ambiente bastante elevado culturalmente.” Ibid., p.325.

¹⁸⁰ Cf. McKENZIE, J. L. Op. cit., p. 234.

¹⁸¹ Cf. ROSSI, L. A. S. *Como ler o Livro de Joel: Profecia em tempos de crise*. São Paulo: Paulus, 1998. pp.11-36.

¹⁸² SICRE, J. Op. cit., pp. 326-327. Grifo nosso.

Portanto, depois da conversão e do perdão recebido o Espírito derramado por Deus é capaz de *romper todas as barreiras*: primeiramente as *barreiras entre os povos e nações* visto que ele é derramado “sobre toda carne”; as *barreiras do sexo*, pois são os “filhos e as filhas que profetizarão”, e os “escravos e escravas receberão a efusão do *espírito*”; as *barreiras da idade*, pois também os “anciãos terão visões”; e finalmente as *barreiras das classes sociais*, pois “até sobre os escravos e as escravas o *espírito* será derramado”. Para Joel *não há nem pode haver monopólio do Espírito*, pois como acabamos de ver não há sequer uma única pessoa ou instituição que possa pretender ter o privilégio do Espírito.¹⁸³ “Embora mais tarde essa linha pneumatológica universal de um carisma profético de todos os crentes não se tenha mantido, a partir de então o profetismo e a dádiva do *Espírito* (inspiração) formavam uma unidade.”¹⁸⁴

1.2. A *Sophía*

Nossa intenção agora é a de analisar outro conceito fundamental que encontramos no Primeiro Testamento para poder desta forma entender com mais profundidade quem é o *Espírito Santo de Deus* que se revela em suas páginas. Este conceito é a *sophía*. Segundo Yves Congar a aproximação entre *sophía* (sabedoria) e *pneuma* (espírito) se dá nos escritos sapienciais que se desenvolvem nos quatro séculos que precedem a era cristã: Jó e Provérbios (entre 400 e 500); numerosos Salmos, o Eclesiastes e o Eclesiástico (por volta de 187); finalmente, Sabedoria (por volta do ano 50 a.C.). Para este autor “a *literatura sapiencial do judaísmo helenizado contém uma notável reflexão sobre a Sabedoria, que a aproxima do Espírito, quase que identificando as duas realidades, ao menos consideradas em sua ação.*”¹⁸⁵ Johan Konings esclarece que estes escritos sapienciais do período helenista, citados aqui por Congar, são os livros do Eclesiastes, do Eclesiástico e da Sabedoria.¹⁸⁶ Para entendermos como aconteceu a aproximação ou quase identificação entre *Pneuma* e *Sophía*, que se deu nestes escritos, e que é a proposição que nos interessa, será necessário retroceder no tempo para ver como o termo *sophía* era entendido em tempos mais remotos. Nossa exposição seguirá

¹⁸³ Cf. ROSSI, L. A. S. *Como ler o Livro de Joel...* Op. cit., pp.37-38.

¹⁸⁴ HILBERATH, B. J. Pneumatologia. In: SCHNEIDER, T. Op. cit., p. 413.

¹⁸⁵ CONGAR, Yves. *Revelação e Experiência do Espírito...* Op. cit., p. -27.

¹⁸⁶ KONINGS, J. *A Bíblia nas origens e hoje...* Op. cit., p. 116-123.

uma ordem lógica que apenas em parte se identifica com o *processo real temporal* do conceito *sophía*, sem, contudo abandonar nossa opção metodológica, pois o período da aproximação entre *sophía* e *pneuma*, como já esclarecemos se dá nos quatro séculos que antecedem o evento Jesus Cristo.¹⁸⁷

1.2.1.

O processo pelo qual passa o termo *Sophía*

O vocábulo original hebraico *hokmah* ou sua tradução grega *sophía* (sabedoria) nem sempre significou a mesma coisa. Portanto, podemos falar de uma *evolução* que se deu lentamente e em *matizes* diferentes que foram sendo ressaltados com o passar do tempo.¹⁸⁸ Inclusive podemos dizer que este vocábulo possuía *sentidos contraditórios*, pois a *sophía* pode ser vista como uma *qualidade natural do homem* que se desenvolve por educação e experiência, assim também como um *atributo próprio de Deus*, que a reserva para si, comunicando-a só por graça a alguns privilegiados.¹⁸⁹ É a partir da *pluralidade e matizes de significados* do termo *sophía* e de sua *ação na história de Israel* que iremos aprofundar ainda mais o assunto que estamos desenvolvendo e assim possibilitaremos a *passagem* para a reflexão sobre o *Espírito* no Segundo Testamento.¹⁹⁰

1.2.1.1.

A *Sophía* humana

Neste momento restringimos nossa atenção sobre a *sophía* relacionada diretamente com o *ser humano*. Veremos como ela foi sendo experienciada na história de Israel e como foi compreendida e tematizada pelos autores bíblicos.

a) A *sophía*-artesanal

Na literatura bíblica, e em geral na antiga, o vocábulo feminino *sophía* aparece em primeiro lugar aplicado à dimensão das *atividades manuais*. Portanto, *sophía* é

¹⁸⁷ Este é exatamente o período em que nos encontramos dentro da narrativa histórica que fazemos da Experiência Histórica do Espírito de Deus no Primeiro Testamento.

¹⁸⁸ Cf. LÍNDEZ, J. V. *Sabedoria e Sábios em Israel*. São Paulo: Loyola, 1999. Encontramos nas páginas 29-58 deste livro a evolução do termo *sophía*.

¹⁸⁹ IMSCHOOT, P. V. Verbete “Sabedoria”. In: VAN DEN BORN, A. Op. cit., p. 1343.

¹⁹⁰ BLANK, J. Verbete “Espírito Santo/Pneumatologia”. In: EICHER, P. Op. cit., p. 245.

habilidade, destreza, perícia, enfim é a *arte manual* que possui os homens e as mulheres, porque também estas colaboravam com sua *sophía prática* na confecção dos utensílios e ornamentos da Tenda sagrada. Podemos constatar isto a partir do texto bíblico que nos diz: “As mulheres *habilidosas* traziam o que por suas próprias mãos tinham fiado [...] As mulheres às quais o coração movia a trabalhar com *habilidade* fiavam os pêlos de cabra.” (Ex 35,25-26). Essa *sophía artesanal* ou *habilidade prática* é concedida por Deus, pois é ele quem outorga os *dons* ou *habilidades*, ou como é dito em algumas passagens bíblicas, o “*espírito de sabedoria*” é dado por Deus ao artesão/ã (o/a *sophós*).¹⁹¹

“Dirás a todas as *peças hábeis*, a quem enchi de *espírito de sabedoria*, que façam vestimentas para Aarão, para consagrá-lo ao exercício do meu sacerdócio.” (Ex 28,3).

“Iahweh falou a Moisés [...] ‘Eis que chamei pelo nome Beseleel [...] Eu o enchi com o *espírito de Deus em sabedoria*, entendimento e conhecimento para toda espécie de trabalho, para *elaborar desenhos, para trabalhar em ouro, prata e bronze, para lapidação de pedras de engaste, para entalho de madeira, e para realizar toda espécie de trabalhos*. Eis que lhe dou por companheiro Ooliab [...]: coloquei a *sabedoria* no coração de todos os homens de coração *sábio*, para que façam o que te ordenei.’ ” (Ex 31, 1-6)

Todavia, afirmar que Iahweh concede o “*espírito de sabedoria*”, não significa dizer que esta *sophía* recebida é um dom infuso, pois, na realidade ela supõe o esforço da aprendizagem por parte do/a perito.¹⁹²

b) A *sophía*-sagacidade

Do plano das tarefas e ofícios basicamente manuais, como o que acabamos de exemplificar, passa-se às *atividades mentais*. Estas atividades mostram que o ser humano é um ser que *pensa, sente e pode acumular experiências e conhecimentos de índole espiritual*. Neste plano, que é o das *relações inter-humanas*, a *sophía não se refere a uma qualidade ou virtude que por si mesma enobrece aquele que a possui*.¹⁹³ Podemos perceber esta *sophía-sagacidade*, que não significa necessariamente uma virtude positiva, quando o profeta Isaías preconiza o seguinte oráculo contra Jerusalém: “Diz o Senhor: [...] o que me resta é continuar

¹⁹¹ Cf. LÍNDEZ, J. V. Op. cit., pp. 38-39.

¹⁹² Cf. Ibid., pp. 38-40.

¹⁹³ Cf. Ibid., pp. 40-43.

a assustar este povo com prodígios e maravilhas; *a sabedoria dos seus sábios perecerá e o entendimento dos entendidos se desfará*” (Is 29, 13s). Portanto, esta sabedoria não era uma virtude positiva. Há outro texto, este agora do profeta Ezequiel, em que podemos ver com mais clareza a *sophía* somente como *sagacidade, engenho, talento*, sem ter valor moral:

“Por tua *sabedoria* e inteligência adquiriste riqueza e acumulaste ouro e prata nos teus tesouros. Tão notável é a tua *sabedoria* nos negócios que multiplicaste tua riqueza e teu coração se orgulha dela. Por isso, assim fala o Senhor Iahweh: Visto que *em teu coração te igualaste a Deus*, também eu trarei contra ti estrangeiros, a mais terrível das nações. Desembainharão a espada *contra a beleza da tua sabedoria*, e profanarão o teu esplendor.” (Ez 28,4-7)

Segundo Van Imschoot esta *sophía* se aproxima daquilo que consideramos *esperteza, astúcia, ardil, vivacidade* (2Sm 13,3; 14,2; 20,16).¹⁹⁴

c) A *sophía*-ciência

A *sophía* também é entendida como um saber *acumulado, ciência, doutrina*. É ela que possibilita o *grau de observação* necessário ao suposto *sophós*, pois ele precisa *interpretar*, por meio das condutas e dos gestos, os pensamentos ocultos das pessoas. Aqui a *sophía* se aproxima mais da nossa maneira de concebê-la. Vemos isto no prólogo do livro do Eclesiástico, quando se fala duas vezes da *instrução e sabedoria* e ainda, quando neste mesmo livro se diz: “Uma *instrução de sabedoria e ciência*, eis o que gravou neste livro Jesus, filho de Sirac, de Eleazar, de Jerusalém, que derramou como chuva a *sabedoria* de seu coração.” (Eclo 50,27). Não se nasce sábio, mas é necessário aplicar-se intensamente para chegar a sê-lo (Eclo 6,32).¹⁹⁵ Para esta compreensão de sabedoria o *sophós* é o *douto* que na grande maioria das vezes sabe ler, escrever e manejar a lei (Jr 2,8; 8,8), podendo chegar a subir aos mais altos cargos na corte (2Rs 25,19) e desempenhar aí grande influência (2Sm 15,31.37; 1Rs12,6; 20,8; Pr16,13s).¹⁹⁶

¹⁹⁴ IMSCHOOT, P. V. Verbete “Sabedoria”. In: VAN DEN BORN, A. Op. cit., p. 1343.

¹⁹⁵ Cf. LÍNDEZ, J. V. Op. cit., pp. 43-46.

¹⁹⁶ Cf. IMSCHOOT, P. V. verbete “Sabedoria”. In: VAN DEN BORN, A. Op. cit., p. 1343.

d) A *sophía*-arte de governar

A *sophía* também é entendida como a *arte de governar*, o que significa dizer que ela é a *prudência política*. Por isso, o rei ideal terá que possuí-la (Is 11,2). Essa sabedoria envolve *perspicácia e sagacidade, prudência e talento, valentia e decisão*. Os autores sagrados acreditam, que a prudência política e o sábio governo são bens tão grandes que somente Deus pode concedê-los, por isso, o governante deve pedi-los a Iahweh (2 Cr1,10; 1Rs3,6-9; Sb9,4.6).¹⁹⁷

e) A *sophía*-prudência

O grau mais elevado e nobre da *sophía* no meio humano encontra-se na atividade do sábio quando reflete problemas que afetam às pessoas: *as desigualdades sociais* (cf. Pr 14,20s. 31; 17,5; 19,1.4.7.17; 22,2), *as injustiças flagrantes* (cf. Pr 11,1-11.18s; Ecl 8,12-14; Sb 2), *o tema onipresente da morte* (em todos os livros sapienciais, com seus matizes); e *o tema de Deus e do temor a Deus* (com seus aspectos distintos em cada um dos livros sapienciais). Aqui entramos no *plano estritamente moral* do ser humano. Neste nível a *sophía* é *prudência, sensatez*, portanto, é uma *virtude positiva*, enriquecedora de quem a possui, e pela qual orienta sua vida ordenadamente e segundo a vontade do Senhor.¹⁹⁸ Com este sentido vemos Moisés exortando o povo:

“Portanto, cuidai de pô-los [os mandamentos e decretos do Senhor] *em prática*, pois isto vos tornará *sábios* e inteligentes aos olhos dos povos. Ao ouvir todos estes estatutos, eles dirão: ‘Só existe um *povo sábio e inteligente*: é esta grande nação!’ ” (Dt 4,6).

f) Os sábios/as de profissão

É bem provável que existissem sábios/as de profissão em Israel, como fica sugerido no segundo livro de Samuel: “O *conselho* que Aquitofel dava naquele tempo *era recebido como um oráculo de Deus*. Assim era o *conselho* de Aquitofel, tanto para Davi como para Absalão” (2Sm 16,23). Vemos ainda no

¹⁹⁷ Cf. LÍNDEZ, J. V. Op. cit., pp.46-48.

¹⁹⁸ Cf. Ibid., pp. 49-51.

profeta Jeremias (8,8; 18,18) esse indício. Estes sábios/as originavam-se geralmente da classe dos escribas e se distinguiam por certo grau de experiência. É importante destacarmos ainda que “também as mulheres eram respeitadas por sua *sabedoria* e seu *conselho* (Sm 14,2; 20,16; Jz5,29): estas mulheres deviam ser conselheiras de profissão.”¹⁹⁹

g) A evolução do termo *sophía* no plano moral

No início o termo *sophía*, como acabamos de ressaltar, não guardava qualquer referência à moralidade dos atos humanos. Com o passar do tempo o qualificativo *sophía* é aplicado ao *plano moralmente bom*. Ao final da evolução conceitual, que coincide com o final da época intertestamentária, *o/a sophós* por excelência já não é o enciclopédico rei Salomão, mas o *homem e a mulher justos* (Pr 23,24; Ecl 9,1; Eclo 18,27). Portanto, a *sophía* está no homem e na mulher que se manifesta: a) *diante de Deus* pelo reconhecimento incondicional de sua soberania, respeitando e guardando fielmente os seus mandamentos; b) *diante dos outros* por seu proceder livre em face dos poderosos, respeitoso/a com os seus/as semelhantes, compassivo/a com os fracos; c) *diante da criação inteira* quando respeita e procura refletir em sua vida particular a ordem interna e estrutural do universo.²⁰⁰

1.2.1.2. A *Sophía* divina

Agora penetraremos na relação *Sophía e meio divino*. Esta relação irá nos revelar algo do mistério de Deus, pois iremos refletir sobre a *Sophía divina*.

Segundo José Vílchez Líndez aceitar que Deus possa comunicar a *Sophía*, como um *dom distinto de si mesmo* ao ser humano, não oferece dificuldade especial, quando estamos falando do Segundo Testamento. Entretanto, é uma grande dificuldade para muitos perceber que ele é a *fonte* da *Sophía* sem sair do Primeiro Testamento. Todavia, esta autocomunicação de Deus:

“já se encontra no *Livro da Sabedoria*, como podemos comprovar na petição que o pseudo-Salomão faz da sabedoria, *aqui já atributo divino*: ‘Dá-me a sabedoria

¹⁹⁹ McKENZIE, J. L. Op. cit., p.813.

²⁰⁰ Cf. LÍNDEZ, J. V. Op. cit., p. 58.

entronizada junto a ti' (Sb 9,11); e 'Quem conheceu teu desígnio, se tu não concedeste a ele a *sabedoria* e enviou a ele teu *santo espírito* do céu' (Sb 9,17; cf. 7,15; 9,6)" ²⁰¹

Logo, pretendemos agora destacar em alguns textos seletos do Primeiro Testamento onde a *Sophía* aparece como *atributo divino* dado por Deus aos seres humanos, e como é compreendida pelos hagiógrafos.

a) A *Sophía* é poder organizador e ordenador do mundo

Encontramos, nos três grandes poemas didáticos Pr 8, Jó 28 e Eclo 24, a sabedoria de Deus sendo apresentada como *um poder de organização e de ordem* "imane[n]te ao mundo". ²⁰²

"Iahweh me criou, primícias de sua obra, de seus feitos mais antigos. *Desde a eternidade fui estabelecida, desde o princípio, antes da origem da terra.* Quando os abismos não existiam, eu fui gerada, quando não existiam, os mananciais das águas. Antes que as montanhas fossem implantadas, antes das colinas, eu fui gerada; ele ainda não havia feito a terra e a erva, nem os primeiros elementos do mundo. Quando firmava os céus, *lá estava eu*, quando traçava a abóboda sobre a face do abismo; quando punha um limite ao mar: e as águas não ultrapassavam o seu mandamento, quando assentava os fundamentos da terra." (Pr 8,22-29).

Esta perícopé nos mostra a natureza da *sophía* no seio de Deus e a *sua manifestação na criação e na história dos homens e das mulheres*. Ela *precede a criação* (vv. 22-25), sendo ao mesmo tempo, o *primeiro fruto de toda a criação*, e estando presente a tudo, como que acompanhando a obra criadora. ²⁰³ Segundo José Vílchez Líndez a *sabedoria* "governa o universo com acerto" (Sb 8,1), pois está presente e o penetra todo, *como o próprio espírito de Deus, do qual é perfeita imagem* (Sb 7,24-26). ²⁰⁴

²⁰¹ Ibid., p.53. Grifo nosso.

²⁰² Esta expressão é usada por G. VON RAD e por G. SCHIMANOWSKI apud MOLTSMANN, J. Op. cit., p. 54.

²⁰³ STORNILOLO, I. *Como ler o Livro dos Provérbios*. A Sabedoria do povo. 3. Ed. São Paulo: Editora Paulus, 1992. p. 46.

²⁰⁴ LÍNDEZ, J. V. Op. cit., p. 54.

b) A *Sophía* é o *sentido vital* que Deus colocou na estrutura da criação

Ela é de *origem transcendente* e encontra-se junto de Deus antes da criação do mundo, divertindo-se o tempo todo em sua presença.²⁰⁵

“Eu estava junto com ele como mestre-de-obra, eu era o seu encanto todos os dias, todo o tempo brincava em sua presença: brincava na superfície da terra, encontrava minhas delícias entre os homens.” (Pr 8, 30-31).

A *Sophía* acompanhava a obra criadora como um arquiteto ou mestre-de-obras. Dito de outra forma: a *Sabedoria de Deus* marcou a *própria estrutura de tudo o que foi criado*. Aqui a criação é apresentada como o *jogo alegre de uma criança* e a humanidade como o *objeto com que a Sophía se deliciava*.²⁰⁶ Segundo Ivo Storniolo Pr 8,22-36 é o *ponto alto de toda reflexão sapiencial*, e:

“quer mostrar que a Sabedoria é o *sentido vital que Deus colocou na estrutura de toda criação*. Assim sendo, ela *está sempre ao alcance de todos os que a procuram, em qualquer tempo e lugar, independentemente de raça ou nação, credo ou religião*. Observando o mundo e a história, a humanidade pode encontrar a sabedoria e tomar consciência dela, aceitando-a como guia para a realização da vida, e entrando assim em perfeita harmonia com toda a realidade.”²⁰⁷

c) A *Sophía* é a *companheira ideal para o homem*

Ela “é decantada no livro da Sabedoria com poemas de amor. Alguém que sonha com a Sabedoria que vem de Deus é como um jovem que sonha com a sua namorada para casar (8,2.9.17).”²⁰⁸ A *sophía*, portanto, é *feminina* e está ligada ao *espírito feminino*, sendo apresentada como uma *amada* que se deixa encontrar e amar (Sb 8, 2-16). “O autor do Livro da Sabedoria ressalta essa presença mediadora *feminina* de Deus ao longo de toda a história da Salvação do povo eleito, como *companheira* e *guia* que assiste e acompanha nas provações e perigos.”²⁰⁹ Unidos à *sophía*, homens e mulheres (masculino e feminino), podem chegar à percepção global da realidade, evitando os obstáculos de quaisquer tipos

²⁰⁵ Cf. MOLTSMANN, J. Op. cit., p. 54

²⁰⁶ Cf. STORNILOLO, I. *Como ler o Livro dos Provérbios...* Op. cit., pp. 46-47.

²⁰⁷ Ibid., p. 47.

²⁰⁸ MAZZAROLO, I. *A Bíblia em suas mãos...* Op. cit., p. 89.

²⁰⁹ BINGEMER, M. C. L. A Trindade a partir da perspectiva da mulher. In: *Teologia Feminina na América Latina*. Op. cit., pp. 81-82.

de parcialidades, sempre geradoras de desastres. Logo, é esta *companheira ideal* que dá ao ser humano a capacidade de *praticar a justiça*.²¹⁰

d) A *Sophía* é característica da era messiânica

Ela é descrita como uma *pessoa com um discurso autoconsciente*.²¹¹ Ela fala como se fosse o próprio Deus e é apresentada com os *atributos* próprios do rei davídico, o messias dos profetas.²¹²

“Eu, a Sabedoria, moro com a *sagacidade*, e possuo o *conhecimento da reflexão*. (O temor de Iahweh é o ódio do mau.) Detesto o orgulho e a soberba, o mau caminho e a boca falsa. Eu possuo o *conselho* e a *prudência*, são minhas a *inteligência* e a *fortaleza*. É por mim que reinam os reis, e que os príncipes *decretam a justiça*; por mim governam os governadores, e os nobres *dão sentenças justas*. Eu amo os que me amam, e os que madrugam por mim não de me encontrar. Comigo estão a riqueza e a honra, os bens estáveis e a *justiça*. Meu fruto é melhor que o ouro, que o ouro puro, o meu lucro vale mais que a prata de lei. Eu caminho pela senda da *justiça* e ando pelas veredas do *direito*. Para levar o bem aos que me amam, e *encher os teus tesouros*.” (Pr 8,12-21)

Se compararmos Pr 8,12-21 com Is 11,1-3 veremos que as qualidades da *Sophía* são as mesmas do messias. Ela é apresentada como a qualidade dos que governam com *justiça*. No contato com ela o *povo* é levado a um plano de vida que é a plena realização, a felicidade (8,21).²¹³

e) A *Sophía* é proveniente de Iahweh

Por isso, Iahweh pode comunicá-la a quem quiser, pois é o próprio *Sábio por excelência*. Os autores sagrados contemplam em Deus a Sabedoria da qual decorre a deles. Esta *sophía* “sai da boca do Altíssimo” como seu *hálito* (*Rûah* ou *Pneuma*) ou sua Palavra (Eclo 24,3).²¹⁴ Podemos perceber aqui uma aproximação entre *Sophía*, *Pneuma* e *Logos*. A *Sophía* habita no céu (Eclo 24,4), partilha o trono de Iahweh (Sb 9,4), vive na sua intimidade (Sb 8,3).

²¹⁰ STORNILOLO, I. *Como ler O Livro da Sabedoria...* Op. cit., p. 37.

²¹¹ Cf. MOLTMANN, J. Op. cit., p. 54. Este autor afirma que a *sophía* é apresentada como “filha de Deus”.

²¹² Cf. STORNILOLO, I. *Como ler o Livro dos Provérbios...* Op. cit., p. 44.

²¹³ Cf. *Ibid.*, pp. 44-45.

²¹⁴ Cf. BARUCQ, A., GRELOT, P. Verbete “Sabedoria”. In: LÉON-DUFOUR, X. Op. cit., pp. 919-920.

f) A *Sophía* é identificada com o Mistério do próprio Deus

Ela é apresentada como pertencente ao plano estritamente divino, porquanto o que a ela se atribui apenas se pode dizer de Deus. É neste nível, em que é apresentada como *atributo divino*, que chegamos ao *ápice* da concepção da *Sophía*.²¹⁵ No livro da Sabedoria afirma-se que ela “*a tudo renova*, e sua presença faz ‘amigos de Deus e profetas’ (7,27); ela é *confidente de Deus e do saber divino*, visto que *está entronizada junto a ele nos céus* (cf. 8,4; 9,4.9-11). Como Deus, *a sabedoria tem um espírito poderoso* (cf. 7,23.27), por isso pode ser chamada, com razão, *criadora de tudo quanto existe* (cf. 7,21b e 8,6).”²¹⁶ Procura-se ainda dar uma idéia do Inefável, a partir da essência última da *Sophía*. Desta forma o autor bíblico vai atribuindo-lhe todas as *qualidades possíveis e inimagináveis*, chegando finalmente a *identificá-la com o mistério do próprio Deus*. Ela se origina da vida do próprio Deus, ou dito de outra forma, *a Sophía é Deus se expandindo e penetrando todas as coisas, renovando continuamente a vida e a humanidade*.²¹⁷

“Nela [Sabedoria] há um espírito inteligente, santo, único, múltiplo, sutil, móvel, penetrante, invulnerável, amigo do bem, agudo, incoercível, benfazejo, amigo dos homens, firme, seguro, sereno, tudo podendo, tudo abrangendo, que penetra todos os espíritos inteligentes, puros, os mais sutis. A Sabedoria é *mais móvel que qualquer movimento* e, por sua pureza, tudo atravessa e penetra. *Ela é eflúvio do poder de Deus, uma emanção puríssima da glória do Onipotente, pelo que nada de impuro nela se produz. Pois, ela é reflexo da luz eterna, espelho nítido da atividade de Deus e imagem de sua bondade.*” (Sb 7,22-26)

1.2.2.

Pneuma (Rûah) e Sophía (Hokmah)

O livro da Sabedoria considerado em linha cronológica é o último do Primeiro Testamento, foi escrito diretamente em grego, provavelmente na Alexandria do Egito, e como já dissemos por volta do ano 50 a.C.²¹⁸ O autor deste livro ao tratar do tema *pneuma* soube conciliar a corrente semítica com as correntes filosóficas gregas. Encontramos neste livro praticamente quase todas as acepções do rico vocábulo *pneuma* que já foi destacado quando tratamos do termo correlato hebraico *rûah*. Logo, *pneuma* aparece no livro da Sabedoria como *sopro, vento*

²¹⁵ Cf. LÍNDEZ, J. V. Op. cit., pp. 54-55.

²¹⁶ Ibid., pp.54-55. Grifo nosso.

²¹⁷ STORNILO, I. *Como ler O Livro da Sabedoria...* Op. cit., p.35.

²¹⁸ Cf. MAZZAROLO, I. *A Bíblia em suas mãos...* Op. cit., p. 88.

suave ou *simplesmente ar* (cf. 5,11c. 23a); como *alento, respiração, sinal de vida animal e sinal de vida no homem* (2,3; 5,3b; 15,11c.14b.16b); e como *pneuma de Deus* (1,5a.6a.7a.7b.22; 9,17b; 12,1; 11,20a).²¹⁹ Porém, de todos esses sentidos que recebe a palavra *pneuma* no livro da Sabedoria o que nos interessa é o de *Espírito (Pneuma) de Deus*, que é na realidade o *estágio final* da evolução deste termo. Logo, podemos afirmar que tanto no vocábulo *pneuma*, como no vocábulo *sophía*, houve uma evolução que *num estágio posterior aplicam-se a Deus*, mesmo que com aspectos diferentes. Vejamos: a) o *pneuma* associa-se à atividade de Deus quanto a seu *poder em todas as ordens* e à *eficácia na execução*; b) a *sophía* associa-se ao *plano do entendimento no planejamento* e na *alta direção do governo do mundo e do homem*.²²⁰

Jürgen Moltmann afirma que no livro da Sabedoria a aproximação entre *Rûah* e *Hokmah* acontece de tal forma que podemos trocá-las (1,7; 12,1), a ponto de no capítulo sete deste livro, tudo o que é dito a respeito da Sabedoria pode ser dito também do Espírito. Sob a forma da sabedoria, o espírito é de certa maneira um *interlocutor*, um *vis-à-vis em Deus mesmo*, e representa ao mesmo tempo a *presença divina na criação e na história*.²²¹ *Sophía* (Sabedoria) e *Pneuma* (Espírito) estão muitas vezes tão ligados a ponto de *chegarem a ser a mesma coisa*. Segundo Larcher:

“As duas realidades são idênticas de várias maneiras: a Sabedoria possui um espírito (Sb 7,22b) ou ela é um espírito (Sb 1,6), ela age sob a forma de um espírito (Sb 7,7b). Além do mais, ela dispõe do poder e ela vê atribuída a si as diferentes funções do *Espírito* no Antigo Testamento: ela exerce uma unção cósmica universal, ela suscita os profetas, ela se faz guia da humanidade, depois do povo eleito, ela aparece enfim como a *grande mestra interior das almas*. A assimilação indica em muitos pontos que *a Sabedoria aparece antes de tudo como uma sublimação da função exercida pelo Espírito no Antigo Testamento*. E isso explica porque *certos Padres da Igreja a consideram como uma prefiguração, não do Verbo, mas do Espírito Santo*.”²²²

²¹⁹ Encontramos ainda uma acepção secundária que é a de *pneuma* como *seres intermediários entre Deus e os seres humanos* (7,20b. 23d). Neste caso o vocábulo *pneuma* encontra-se no plural.

²²⁰ Cf. LÍNDEZ, J. V. Op. cit., pp.247-249.

²²¹ Cf. MOLTMANN, J. Op. cit., p. 55.

²²² LARCHER, C. apud. CONGAR, Y. *Revelação e Experiência do Espírito...* Op. cit., p. 27.

1.2.3.

A personificação da *sophía humana* e da *Sophía divina*

O recurso literário chamado “personificação” consiste em fazer passar como pessoa algo que não o é. Este recurso é aplicado com frequência à *sophía* nos livros sapienciais. Há comentadores que confundem os termos *personificação* e *hipóstase*. Hipóstase, na terminologia teológica, quer dizer pessoa. Personificação como acabamos de ver não chega a tanto. Na realidade o tratamento de *pessoa* dado à *sophía* nos livros sapienciais guarda a compreensão de que *ela não é verdadeiramente uma pessoa*.²²³ Na *esfera do humano* ela é apresentada como uma *pessoa* que: edifica sua casa e prepara um banquete (cf. Pr 9, 1-3); instrui e une com o Senhor os que a amam (cf. Eclo 4,11-14; Sb 6,12); é digna de ser buscada a todo custo (Eclo 6, 18-37); facilmente é encontrada (cf. Eclo 6,12-16); eleva sua voz diante de um auditório (Pr 1,20s; 8,1-3; Eclo24,1-2); fala na primeira pessoa (Pr 8,12-36; cf. 1,20-33; 9,4-6; Eclo 4,15-19; 24,3-22). Na *esfera do divino* é apresentada como a *Lei do Senhor* que é uma *criatura de Deus*, porém eterna, e que está presente, como testemunho, *desde o começo da criação* (Pr 8,22; cf. Eclo 1,9; 24,3-9; Sb 9,9).²²⁴ É apresentada ainda como a bem-amada a quem se procura avidamente (Eclo 14,22ss); uma mãe protetora (Eclo14,26s); uma esposa nutriz (Eclo15,2s); uma hospedeira acolhedora que convida ao seu festim (Pr 9,1-6).²²⁵ Van Imschoot ao falar da personificação da *Sophía divina* em alguns textos poéticos do livro dos Provérbios, do Eclesiástico e da Sabedoria, afirma que:

“nestes textos muitos viram a descrição de uma pessoa distinta de Deus que opera de modo independente. *Essa opinião é errônea*. Em Pr 8,1-21 e 9,1-6 a *sabedoria divina é tampouco uma pessoa real* como a sua antagonista, a dona estultícia, que seduz os homens e os leva à morte (9,13-18). A mesma coisa vale para Eclo 24,1-24. [O livro da] Sabedoria insiste mais no caráter intelectual e material da *sabedoria divina* e desenvolve sua *personificação*; *não se pensa, porém, numa pessoa real*. Um monoteísta convencido como o autor de Sabedoria certamente não consideraria a sabedoria como uma esposa assentada ao lado de Deus, portanto como uma deusa. Se esse detalhe tem que ser tomado em sentido metafórico, então os outros também. *A maior parte dos exegetas modernos concede plenamente que a sabedoria divina no AT não é uma pessoa divina*, mas pensa que se deve ver nela algo mais do que uma personificação poética; falam então de hipóstase. As chamadas hipóstases, porém, veneradas em muitas

²²³ Cf. LÍNDEZ, J. V. Op. cit., pp. 243-244.

²²⁴ Cf. Ibid., pp. 53-55.

²²⁵ BARUCQ, A., GRELOT, P. Verbete “Sabedoria”. In: LÉON-DUFOUR, X. Op. cit., p. 919.

religiões antigas, têm sempre uma existência e uma atividade mais ou menos independentes, ao lado da divindade. Ora, em Provérbios, Eclesiástico e Sabedoria a atividade da *sabedoria divina*, bem como a da *palavra* ou do *espírito* de Deus, *é a própria atividade de Deus* (cf. Sb 9,1s), exatamente como a sabedoria, a palavra e o espírito do homem não é independente do homem.”²²⁶

Comentando sobre a personificação da *sophía* José Vílchez Líndez assegura que este recurso foi a maneira como o judaísmo encontrou para defender sua fé monoteísta em Iahweh diante do helenismo e do estoicismo.²²⁷

1.2.4.

O que a ação da *Sophía* divina provoca na História

A *Sophía* está associada a *tudo o que Deus faz no mundo*. Podemos dizer que são obras resultantes da ação da *Sophía*: a) a *criação do mundo* (Pr 3,19s; Jó 26,12; 28,25-27; Sb 7,24; 9,1s; 14,3; cf. Sl 33,6; 104,30; Jd 16,17; Sb1,7); b) o *poder do rei*²²⁸ (Pr 8,14s; Sb 8,7-14; cf. Is 11,2-8); c) a *proteção do povo de Deus* (Sb 10,5-11,2; cf. Is 63,11-14); d) a *educação dos homens para a virtude* (Pr 8,32-36; 9,1-12; Eclo 24,18-22; Sb1,4s etc.; cf. Ne 9,20.29s; Zc 7,12).²²⁹ Segundo Yves Congar “a Sabedoria procede de Deus, ela é como a sua *ação* em benefício de suas criaturas para *as conduzir corretamente* [...] Todavia a *função própria* da Sabedoria é *conduzir os homens de acordo com a vontade de Deus*.”²³⁰ André Barucq e Pierre Grelot ao tratarem da atividade da Sabedoria afirmam que:

“Ao longo de toda história da salvação *Deus a enviou em missão à terra*. Ela se instalou em Israel, em Jerusalém, como uma *árvore da vida* (Sl 24,7-19), manifestando-se na forma concreta da Lei (Sl 24,23-34). Desde então *ela mora familiarmente com os homens* (Pv 8,31; Ba 3,37s). Ela é a *providência que dirige a história* (Sb 10,1-11,4), e é *ela que garante aos homens a salvação* (9,18). Ela desempenha um papel semelhante aos dos profetas, *dirigindo suas censuras aos desviados cujo juízo anuncia* (Pv 1,20-33), convidando os que são dóceis a se beneficiarem de todos os seus bens (Pv 8,1-21.32-36), a se assentarem à sua mesa (Pv 9,4ss; Sl 24,19-22). *Deus age por ela como age por seu Espírito* (cf. Sb 9,17); *é portanto a mesma coisa recebê-la ou ser dócil ao Espírito*. *Se esses textos ainda não fazem da Sabedoria uma pessoa divina no sentido do NT*,

²²⁶ IMSCHOOT, P. V. Verbete “Sabedoria”. In: VAN DEN BORN. Op. cit., pp. 1345-1346.

²²⁷ Cf. LÍNDEZ, J. V. Op. cit., p. 55.

²²⁸ Devemos entender este rei como aquele que governa o povo com justiça e lhe proporciona e garante bens necessários à vida.

²²⁹ IMSCHOOT, P. V. Verbete “Sabedoria”. In: VAN DEN BORN, A. Op. cit., p. 1345.

²³⁰ CONGAR, Yves. *Revelação e Experiência do Espírito...* Op. cit., p. 27.

perscrutam aos menos em profundidade o mistério do Deus único e preparam uma revelação mais precisa do mesmo.”²³¹

Além de todos estes aspectos apontados pelos autores/as pesquisados sobre o que provoca a ação da *Sophía* divina, podemos ainda destacar o que nos apresenta Ivo Storniolo. Este autor nos diz ser a *Sophía* o *espírito vivo de Deus* que ele comunica ao ser humano e que “não consiste na cultura ou erudição, mas, em primeiro lugar, no *senso da justiça*.”²³² Portanto, a *Sophía* divina quando age no homem e na mulher os leva a praticar a justiça.

1.3. A Shekinah

Segundo Jürgen Moltmann, a reflexão de alguns teólogos/as cristãos sobre a *rûah Iahweh* como sendo o “*evento da presença de Deus*” ou “*presença divina*” é mais adequada à idéia de *shekinah* do que à própria idéia de *rûah Iahweh*.²³³ É a partir desta afirmação que nos propomos a refletir neste momento sobre a *shekinah*. Nosso método de pesquisa é o de buscar na Sagrada Escritura a revelação de Deus como Espírito a partir do recurso a imagens e símbolos do Primeiro Testamento, destacando como se dá sua *ação* na economia salvífica no meio da humanidade. Por isso, precisamos ver quais são os indícios de que no Primeiro Testamento, encontramos esta “*presença de Deus*”, compreendida como *shekinah*. Em que podemos basear-nos para dizer que a *shekinah* é esta presença? Para podermos chegar a esta afirmação devemos, primeiramente, compreender como surge esta idéia, para depois examinarmos o conceito primitivo de *shekinah* e finalmente ver o que a teologia da *shekinah* contribui para a *compreensão do Espírito de Deus* e dos *critérios de discernimento* que brotam da Sagrada Escritura.

1.3.1. Como surge o conceito de shekinah

Segundo Maria Clara Bingemer a *sophía*, através da qual Deus medeia a obra da criação, a *sophía* que Salomão invoca como “*esposa de sua alma*” e que, além

²³¹ BARUCQ, A., GRELOT, P. Verbete “Sabedoria”. In: LÉON-DUFOUR, X. Op. cit., p. 920. Grifo nosso.

²³² STORNILOLO, I. *Como ler O Livro da Sabedoria...* Op. cit., p.13.

²³³ Cf. MOLTSMANN, J. Op. cit., p. 55.

disto, é uma *sophía* imaginada como a mãe que transmite sabedoria a seus filhos (Pr 8,32-35), *desaparece no pensamento rabínico*. Isto acontece após o advento da era cristã e possivelmente por causa de seu uso no gnosticismo. Apesar disto, reaparece na fé judaica naquilo que tem de mais básico e mais central como *shekinah*, sendo entendida como uma *nova imagem da presença mediadora de Deus no feminino no meio do povo*.²³⁴ Corroborando com esta afirmação a Enciclopédia Wikipedia esclarece que no judaísmo a *shekinah* designa a faceta da revelação divina aos homens, a "Divina Presença", sendo também considerada a *face "feminina" e "materna" desta presença*.²³⁵

1.3.2.

O significado de *shekinah*

Assim como aconteceu com os conceitos ou imagens “*rûah*” e “*sophía*” que sofrem uma evolução, o mesmo aconteceu com o conceito *shekinah*. Vejamos como isto se deu.

a) O conceito primitivo

O vocábulo *shekinah* não aparece nem no Primeiro Testamento nem no Segundo. É uma derivação da raiz hebraica ש-כ-ן (sh-k-n) que significa “habitar”, “fazer morada”. No princípio do culto a Iahweh, quando o povo ainda caminhava pelo deserto, é dito que os israelitas tinham como santuário uma *Tenda*:

“Quem queria “consultar Iahweh” ia à Tenda, onde Moisés servia de intermediário junto a Deus, Ex 33.7. A tradição sacerdotal manteve o mesmo nome, com o mesmo sentido: a *Tenda da Reunião* é o lugar do ‘encontro’ com Moisés e o povo de Israel, Ex 29.42-43; 30.36. Mas essa tradição prefere chamá-la a Habitação, *miskan*, um termo que parece ter designado primeiramente a habitação temporária do nômade, cf. o antiqüíssimo texto de Nm 24.5 e o verbo correspondente em Jz 8.11, cf. também 2 Sm 7.6, logo, um sinônimo para ‘tenda’. *Os relatos sacerdotais escolheram essa palavra arcaica para exprimir o modo de habitação terrena do Deus que reside no céu. Eles preparam a doutrina judaica da Shekinah* e João também lembra que: ‘O Verbo...armou uma tenda entre nós’, Jo 1.14”²³⁶

²³⁴ Cf. BINGEMER, M. C. L. A Trindade a partir da perspectiva da mulher. In: *Teologia Feminina na América Latina...* Op. cit., pp. 81-82.

²³⁵ Cf. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Shekinah>. Acesso dia 19/06/2008.

²³⁶ DE VAUX, R. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Editora Teológica, 2003. p. 333. Grifo nosso.

Portanto, a idéia de *shekinah* (falamos aqui em idéia e não no vocábulo) como *presença divina no meio do povo de Israel* aparece no Primeiro Testamento já bem cedo quando Deus disse ao seu povo “faze-me um santuário para que eu possa *habitar* no meio deles [dos israelitas]” (Ex 25,8); “e *habitarei* no meio dos israelitas e serei o seu Deus” (Ex 29,45); e “Iahweh dos exércitos, que *habita* no monte Sião” (Is 8,18). Esta idéia de *shekinah* que provém da linguagem cúltica afirma o *morar* de Deus junto ao seu povo na arca transportável, e mais tarde, como se pode ver no texto de Isaías, afirma-se que ele *habita* no templo, no monte Sião, pois é aí que ele encontra seu repouso.²³⁷

b) A *shekinah* inabita no povo

Quando se dá a destruição do templo e a deportação do povo para o exílio da Babilônia, uma questão fundamental é levantada: onde se encontra Iahweh visto que já não existe mais sua *morada* no monte Sião?

“Surge o pensamento de que Deus *inabita em seu povo e que ele acompanha seu povo ao exílio através da shekiná*. A *shekiná* está presente na comunidade dos orantes. Ela está nas sinagogas, no colégio dos juízes, no meio dos pobres, dos doentes etc. A *shekiná* compartilha das alegrias e dos sofrimentos de Israel. Ela é de maneira particular o *divino ‘companheiro do sofrimento de Israel’*. Daí surge a esperança de que junto com o povo, a *shekiná* exilada haverá de retornar da terra estranha para Jerusalém. Quando Deus redime seu povo e o conduz para casa sua *shekiná* peregrinante será redimida de suas errantes peregrinações e retornará para casa.”²³⁸

Desta nova compreensão de *shekinah* como *inabitação de Deus no povo e não somente morando no Templo*, podemos destacar os seguintes pontos principais: a) o Deus de Israel é experimentado como “*Senhor*” e também como o “*servo de Israel*” (Is 63,9; Sl 91,15; Is 63,8s); b) Iahweh alia-se com Israel de tal forma que se fala na *consoladora companhia da shekinah* (Sl 23,4), pois ele é um *Deus compassivo e sofre com seu povo*; c) a *shekinah* peregrina na terra até que Israel seja redimido, pois a auto-redenção de Deus se dá juntamente com a redenção de Israel (entendendo aqui *redenção de Deus como o retornar da shekinah e o tornar unir-se a Deus*). Logo, a redenção de Deus se dá naquele acontecer em que o *eterno* se

²³⁷ Cf. JANOWSKI, B. apud MOLTSMANN, J. Op. cit., p. 55.

²³⁸ KUHN, P. apud p. MOLTSMANN, J. Op. cit., 56. Grifo nosso.

une à sua *shekinah*. Portanto, a *shekinah* é a *presença terrena, temporal e espacial* do próprio Deus, mas presença que não pode ser confundida com sua onipresença, pois esta faz parte da essência de Deus. Apesar disto, esta presença é muito *especial, querida e prometida*. Presença que se *identifica* com Deus e ao mesmo tempo é *distinta* dele, pois este descer e estabelecer divino em um determinado lugar deve distinguir-se dele.²³⁹ Roland De Vaux também alerta para esse cuidado que precisamos ter quando falamos deste “estar presente de Deus no meio de Israel de maneira especial”, pois esta “habitação”, que exprime a presença graciosa de Iahweh, não pode e nem deve diminuir em nada sua *transcendência*.²⁴⁰

1.3.3. Comparação entre *Rûah Iahweh* e *Shekinah*

Os israelitas quando usavam a expressão *Rûah Iahweh* não tinham em mente aquilo que os teólogos/as cristãos entendem, isto é, não pensavam no “evento da presença de Deus” ou na própria “presença divina”. Para eles “espírito santo”, expressão usada poucas vezes e em épocas tardias, tinha um significado restrito que era o de “espírito do santuário”. Além disto, “espírito santo” nunca foi a denominação de Deus, mas sim *um de seus dons*. Já para os teólogos/as cristãos Espírito Santo é Deus mesmo, pois o *Espírito é o doador em seu dom*. A idéia de *shekinah*, esta sim, significa para o judaísmo a “*inabitação de Deus* no espaço e no tempo, num determinado lugar e em determinado tempo de criaturas terrenas e em sua história.”²⁴¹ Por isso, Moltmann afirma que a idéia da *Shekinah* desenvolvida pelo judaísmo se aproxima mais daquilo que os cristãos/ãs confessam ser o Espírito Santo. É importante neste momento fazermos um alerta: a afirmação de Moltmann nos diz que a idéia de *Shekinah* desenvolvida no judaísmo “se aproxima” do que nós cristãos confessamos ser o Espírito Santo. Precisamos ter cuidado para não afirmarmos que este teólogo diz que a *Shekinah* é o Espírito Santo na perspectiva judaica.

²³⁹ Cf. MOLTSMANN, J. Op. cit., pp. 57-58.

²⁴⁰ Cf. DE VAUX, R. Op. cit., p. 365.

²⁴¹ MOLTSMANN, J. Op. cit., p. 55.

1.3.4. Autodistinação de Deus

Este conceito foi recolhido de Hegel por Franz Rosenzweig²⁴² pois ele permite manter a soberania de Deus sobre a história de sofrimento de sua *Shekinah*. Afirmar a “autodistinação de Deus” significa assumir nele “uma *diferença* entre o que distingue e o que é distinguido, entre o Deus que dá e o Deus que é dado, e no entanto é mantida ao mesmo tempo a *identidade* do Deus Uno”.²⁴³ Este conceito é muito caro a Jürgen Moltmann, pois torna possível imaginar a *plena e real presença de Deus* em sua *shekinah* e em seu *Espírito* na história. O que não acontece, segundo ele, com as interpretações teológicas que falam do Espírito de Deus como uma *emanação de Deus* e que entendem a *Shekinah* como uma *propriedade de Deus*. Além disto, é digno de destaque um esclarecimento sobre o conceito “autodistinação de Deus”: ele não implica numa aceitação da doutrina cristã da Trindade.²⁴⁴

1.3.5. Como a teologia da *Shekinah* contribui para a compreensão do Espírito de Deus

Podemos afirmar que esta teologia torna claro o *caráter pessoal do Espírito*, pois ele é a presença atuante na história do próprio Deus em pessoa, sendo mais do que uma qualidade ou dom divino às criaturas. Ele é a capacidade de Deus sentir o que a pessoa sente (*empatia de Deus*). Além disto, chama a atenção para a *sensibilidade do Espírito*, pois ele inabita na criatura errante e sofredora, participando do sofrimento, se entristecendo e se enfraquecendo. Entranto, ele também se alegra quando repousa na nova e perfeita criação. Finalmente, aponta para a *kénosis do Espírito*, pois em sua *Shekinah* Deus renuncia a sua *invulnerabilidade* e se torna capaz de sofrer, porque ele quer o amor.²⁴⁵

²⁴²ROSENZWEIG, F. apud MOLTSMANN, J. Op. cit., p. 56.

²⁴³ MOLTSMANN, J. Op. cit., p. 56. Grifo nosso.

²⁴⁴ Cf. Ibid., p. 58.

²⁴⁵ Cf. Ibid., p. 59.

1.3.6.

O que a ação da *Shekinah* provoca no ser humano

No intuito de ampliar a idéia de experiência histórica da *Shekinah*, Jürgenn Moltmann, num seminário de inverno de 1989/1990, faz uma *interpretação apropriativa* sobre a “peregrinação errante da *Shekinah*” e de sua “unificação com Deus” aplicando-as à *criação* e a *nós pessoalmente*. Acreditamos que esta releitura feita por Moltmann pode nos ajudar a ver como age a *Shekinah* e o que ela provoca no ser humano e em todas as coisas. Assim se expressa este pneumatólogo:

“Deus ama sua criação. Deus está ligado a cada uma de suas criaturas por uma apaixonada afirmação. Deus ama com amor criador. Por isso *ele mesmo, graças a seu amor, inabita empaticamente em cada criatura. O amor, por assim dizer, o arranca de si próprio e o transfere inteiramente às criaturas amadas*. Sendo ele o ‘amante da vida’, *seu eterno espírito está por essa razão ‘em todas as coisas’ como força vital*. Na autodistinação e na auto-entrega do amor de Deus está presente em todas as suas criaturas e é *ele próprio o seu segredo mais íntimo*.”

No momento em que uma criatura se afasta deste amor de Deus, do qual no entanto ela vive, ela se torna angustiada, agressiva e destrutiva, porque se torna egoísta. Sua vontade separa-se da vontade de Deus e sua vida afasta-se do amor de Deus e se volta para o ódio contra si própria. *Todas as misérias do homem procedem do fracassado amor a Deus*. Com isto se chega, por um lado, a um ‘*esvaziar-se* [‘Entselbstung’] *de Deus*’, como o denomina M. Buber. Sua *shekiná*, que inabita em cada uma de suas criaturas, *torna-se ela própria alienada de Deus, se entristece e fica ferida, mas não abandona os perdidos*. Ela sofre nas vítimas do mal e é torturada nos que praticam o mal. A *shekiná* não nos abandona; com seu grande anseio por Deus, com seu grande desejo de união com Deus, *ela nos acompanha mesmo em nossos piores erros*. Sentimos sua dor na ‘*atração*’ do espírito.

Com toda e qualquer parcela de egoísmo e de autocontradição que devolvemos à vontade do Criador que nos ama, a *shekiná* chega mais perto de Deus. Quando vivemos inteiramente na oração ‘*Seja feita a tua vontade*’, então a *shekiná* em nós se une com o próprio Deus. Voltamos a viver plenamente e com indivisa afirmação da vida. *Termina a peregrinação errante, a meta é atingida. Experimentamos em nós a felicidade de Deus e experimentamo-nos a nós mesmos na bem-aventurança de Deus*.

Quando é que isto acontece? Acontece quando experimentamos a alegria avassaladora: Tornamo-nos felizes sem egoísmo e nos unimos a nós mesmos inteiramente. Acontece quando experimentamos graves sofrimentos. Vivenciamo-nos a nós mesmos na dor e confiamo-nos inteiramente a Deus. *Não precisa ser definitivo, pode ser também por um breve espaço de tempo*. Quando voltamos a nos dividir em nós mesmos, a *shekiná* retoma conosco a peregrinação errante. *Quando estamos em união conosco mesmos, ela chega ao repouso*. Mas sempre que a *shekiná* que nos impele se aproxima intensamente de Deus, isto está ligado em nós a uma indescritível alegria. Tornamo-nos sensíveis para a *shekiná* em nós e da mesma forma para a *shekiná* nas outras pessoas e em todas as criaturas. Esperamos pela união mística da *shekiná* com Deus em todo encontro real. Por isso ansiamos pelo amor em que nos esquecemos de nós e em

que ao mesmo tempo nos encontramos. Encontramo-nos com qualquer outra criatura com a esperança de encontrar a Deus. *Pois tivemos a experiência de que nas outras pessoas e nas outras criaturas Deus espera por nosso amor e pelo retorno de sua shekiná: 'O que fizeste a um de destes meus irmãos menores, a mim o fizestes' ” (Mt 25).*²⁴⁶

O que dizer depois de tão bela interpretação? Simplesmente que nesta releitura de Moltmann podemos compreender melhor o Amor de Deus por suas criaturas e como ele põe a caminho sua *Shekinah* num “peregrinar errante” até que ela inabite cada uma destas criaturas amadas. Com esta inabitação, ela chega a sofrer empaticamente com o sofrimento destes perdidos/as que se alienam de Deus. Esta alienação não a faz abandoná-los/as nunca. Mais ainda, a *Shekinah* continua deixando no mais íntimo de cada um/a o *desejo ou atração por Deus*. Além disto, em cada atitude egoísta vivida pela criatura amada, a *Shekinah* se aproxima mais de Deus. Entretanto, quando a vontade de Deus é concretizada, mesmo que num pequeno espaço de tempo, a *Shekinah* alcança sua meta e *se une misticamente com Deus na criatura amada*. Neste momento o ser humano experimenta em si a *verdadeira felicidade*. Só assim termina a “peregrinação errante” da *Shekinah*. Destarte, quando o ser humano volta a se dividir, a *Shekinah* retorna sua “peregrinação errante”, pois Deus continua esperando que o Amor seja realidade em cada uma de suas criaturas para que sua *Shekinah* retorne e se una novamente a ele. Portanto, isto é o que a ação da *Shekinah* provoca em nós: une-se a nós, nos atrai para Deus, sofre conosco quando nos afastamos de Deus, igualmente se alegra conosco quando fazemos a vontade de Deus. Finalmente, é a *Shekinah* em nós, que nos une misticamente a Deus nela.

1.4.

Balço da investigação sobre a Experiência Histórica do Espírito de Deus no Primeiro Testamento

Nossa intenção é a de reunir neste item, e de forma sintética, os dados que pudemos recolher das três imagens escolhidas por nós do Primeiro Testamento e que apontam para a presença e atuação do Espírito de Deus: *Rûah Iahweh*, *Sophía* e *Shekinah*. Iremos, simplesmente, elencá-los em duas grandes linhas: *identidade* (quem é o Espírito de Deus revelado no Primeiro Testamento) e *ação* (como age

²⁴⁶ Ibid., pp. 58-59. Grifo nosso.

esse Espírito). Estas informações nos darão a possibilidade de mais tarde *conhecer melhor quem é o Espírito Santo* e elencar os *critérios de discernimento* que encontramos nos textos sagrados.

1.4.1.

Identidade: Quem é o “espírito” que se encontra revelado no Primeiro Testamento?

Com base naquilo que refletimos sobre a *Rûah Iahweh*, a *Sophía* e a *Shekinah* podemos destacar os *principais traços* que identificam o “espírito” revelado no Primeiro Testamento. Ele/Ela ²⁴⁷: a) é a **Vida** ou o *princípio vital* que Deus coloca na estrutura da criação, sendo o poder organizador e ordenador do mundo que está presente acompanhando toda obra da criação; b) é de *origem transcendente* e antes da criação do mundo divertia-se na presença de Deus; c) é *força criadora divina* comunicada às suas criaturas, sendo a força vital em tudo o que vive; d) é uma *Grande Mãe*, que de suas amorosas e fecundas entranhas, dá à luz e faz eclodir o universo; e) é a **Liberdade** ou o *espaço de liberdade* onde o ser humano pode desenvolver-se; f) é espaço de amplitude para que haja *vida e liberdade*; g) é força que inspira a profecia; h) é o oposto da *sarx* (limitação humana); i) é a *realidade feminina do Mistério de Deus*, sendo Mãe de ternura e bondade que protege, acalanta, aconchega, consola, abriga, nutre e que transmite sabedoria a seus filhos. É ainda a companheira ideal para o homem, que o acompanha e guia nas provações e perigos; j) é *promessa criadora de vida* em toda situação caótica da história pessoal ou social do ser humano; l) é *unidade íntima e perfeita com a Palavra*; m) é a *Lei do Senhor* instalada no meio dos homens como uma árvore da vida, é a própria **Verdade** que é Deus; n) é providência e o senso da justiça que dirige e atua na história; o) é *quem inabita empaticamente toda criatura*, sendo a presença divina constante e dinâmica, o segredo mais íntimo destas, não abandonando jamais nenhuma de suas criaturas amadas; p) é o **Amor** que ama sem limites o ser humano respeitando suas opções, mas tomando sempre partido dos mais fracos.

²⁴⁷ Sem tentar “forçar” o texto bíblico podemos dizer que encontramos no Primeiro Testamento núcleos semânticos que abrem o acesso para falarmos da *realidade feminina do Mistério de Deus*. Perceber isto nos permite afirmar que *Deus tem traços tanto masculinos como femininos*, visto que a imagem divina se encontra tanto no homem, quanto na mulher (cf Gn 1,27).

1.4.2.

Ação: Quais os *critérios* que nos ajudam a *discernir* que “espírito” está agindo no ser humano e no mundo?

Segundo o que pudemos observar sobre a forma de agir da *Rûah Iahweh*, da *Sophía* e da *Shekinah* podemos afirmar que a ação destas: a) torna o ser humano um ser vivente; b) põe tudo em movimento, levando as pessoas da estreiteza para a amplidão; c) conscientiza homens e mulheres sobre sua condição de opressão, mostrando-lhes que é possível vencer o opressor, provocando-lhes o desejo de construir uma sociedade justa, fraterna e igualitária. Possibilita-lhes viver relações verdadeiramente humanas, onde não há oprimido nem opressor. Desta forma são capazes de construir no tempo e no espaço o ideal libertário do Êxodo, que é o “Desígnio de Deus na história”; d) cria laços de união entre as pessoas que desejam mais *vida e liberdade*, capacitando-os para que possam abrir caminhos novos dentro da história; e) acompanha o ser humano em sua caminhada histórica, pois não está preso a nenhum espaço físico. Fica junto, solidarizando-se com seu povo, fazendo uma Aliança com ele; f) produz em alguns homens e mulheres dons de profetas, colocando em suas bocas palavras que libertam e possibilitam a vivência da justiça para que sejam transmitidas a seus contemporâneos/as. Além disto, conscientiza-os de que Deus não gosta de espetáculos retumbantes, nem de sacrifícios humanos; de que Deus lhes dá coragem para continuar em sua missão; g) transforma homens e mulheres em pessoas capazes de gestos excepcionais com a finalidade de confirmar o povo na vocação de parceiros de Deus; h) dá leis que possibilitam construir uma sociedade justa e fraterna; i) capacita homens e mulheres para julgar com justiça, levando-os/as a fazer coisas que estão além da capacidade humana comum; j) derruba todas as barreiras criadas pelos seres humanos (barreiras entre os povos e nações, entre os sexos, as raças, as idades, as classes sociais); l) unge com sua presença aqueles/as que precisam governar, dando-lhes qualidades especiais, entretanto, não age de forma mágica; m) age de forma lenta e amorosa no íntimo das liberdades pessoais e no mistério, respeitando o tempo de cada um/a; n) não se deixa monopolizar, apesar disto, renuncia a sua invulnerabilidade e sofre (kénosis do Espírito) com o ser humano que se afasta de Deus e dos irmãos; o) alegra-se com o ser humano que se abre à ação de Deus, unindo-o misticamente a Deus todas às vezes em que se dá um encontro real com qualquer outra criatura; p) deixa claro para o profeta que num

futuro próximo o Messias virá e que o Espírito agirá profundamente sobre ele dando-lhe as seis virtudes do governante. Por causa disto, o Messias julgará os fracos com justiça, com equidade e pronunciando sentenças em favor dos pobres; q) age no interior da humanidade e suscita uma *Nova Criação*, transformando corações de pedra em corações de carne.

Segundo nossa compreensão estes são os *critérios*, colhidos do Primeiro Testamento, que podem servir de parâmetro para discernirmos se quem age no mundo e no ser humano é ou não o Espírito de Deus.

Com estes elementos recolhidos do Primeiro Testamento sobre o Espírito de Deus nos encontramos agora preparados/as para adentrar-nos na Experiência Histórica que Jesus de Nazaré faz com este Espírito. Conheceremos melhor como se dá sua ação na vida de Jesus, fazendo-o viver totalmente aberto ao Pai e a seus irmãos/ãs.